

# HISTÓRIAS de ACORDAR

**Conceição Evaristo**  
**Penélope Martins**  
**Roseana Murray**  
**Fernando Arosa**  
**Antônio Schimeneck**  
**Alan Minas**

**Ilustrado por Jota. P. Andrade**

 parabolé





Em linguagem bem cuidada, cada conto é um primor. É como se a fartura da fome olhasse e engolisse os céus. Uma cabana escutasse uma ave. Uma bruxa costurasse livros. Uma mulher comesse nuvens. Um rio desencarrilhasse. Um trem soltasse profundezas de águas. A gente não para de ler e viajar. Em *As aves divinas* moram no infinito do céu, de Conceição Evaristo, a ancestralidade, a atitude amorosa e inteligente, o poder da música e outras questões emocionam e fazem pensar, trazem o som mágico de “um menino iluminado de olhos fechados, um menino-toque, um menino-música, um menino vindo de tempo passado”. A santinha da prateleira, de Penélope Martins, tem os temas do machismo, da violência e do feminismo. Há uma fuga para a cidade grande. Uma vira-lata chamada Flor-de-Xero. Palavras de dona Maria Rosa provocam sonhos e reflexões. A delegada feminista não hesita em dizer: “Aqui homem não bate em mulher coisa nenhuma.” Peixe Menino Peixe, de Fernando Arosa, mergulha nos conflitos da opressão, da injustiça e do silenciamento, emerge com a força da fantasia, dos sonhos, da liberdade, abre livros e a imaginação. Uma menina e um menino amam um rio e ouvem perguntas do peixe que vira menino que vira peixe. “Perguntar é vestir-se de roupas novas.” O meu quintal de nuvens, de



Alan Minas, fala de ameaças, terríveis perseguições, medo, direitos e deveres, resistências e lutas. Acende a busca do conhecimento, o pensamento livre e as conversas pela janela da coragem. Para retomar caminhos. “Qual é o rumo das palavras dentro da gente?” Quatro em contraluz, de Antônio Schimeneck, reverbera suspense, criatividade, realidade fantástica e desvendamento de mistério. Tem o salão Cabelo de Rainha. Dona Romilda e suas mágicas na última casa da rua. Quatro estudantes se unem para fazer justiça. “Todos temos histórias interessantes.” Em *Uma viagem de trem e alguns navios*, de Roseana Murray, há trens que levam para a morte, navios com gente que foge da guerra, pessoas escravizadas, indígenas e suas várias línguas, preconceito e discriminação, injustiças e, poeticamente, tem a magia dos livros. E o que é ser poeta? “Não é o mesmo que colher amoras no bosque, mas é quase.”

Crianças pelo mundo vão amar essas histórias encantadas e encantadoras.

Stella Maris Rezende



Historias  
de  
Acordar

**Autoria dos contos:** Conceição Evaristo, Penélope Martins, Roseana Murray,  
Fernando Arosa, Antônio Schimeneck e Alan Minas

**Ilustrações:** Jota P. Andrade

**Curadoria:** Fernando Arosa

**Edição dos contos:** Penélope Martins

**Diagramação:** Renato Wilmers

**Revisão do livro:** Dayse Mary Ventura Arosa e Thaís Weigert

**Produção executiva e editorial:** Rafael Galvão e Rafael Martins

**Idealização do projeto:** Fernando Arosa e Nélío Spréa

**Realização:** Parabolé Educação e Cultura

Acesse gratuitamente o e-book, o audiolivro, os cadernos pedagógicos e os vídeos de orientação do projeto em [www.historiasdeacordar.com.br](http://www.historiasdeacordar.com.br)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Histórias de acordar / Conceição Evaristo ...  
[et al.]. -- Campo Largo, PR : Parabolé  
Editora, 2022.

ISBN 978-65-89201-04-5

1. Contos brasileiros 2. Declaração Universal  
dos Direitos Humanos 3. Direitos humanos I. Evaristo,  
Conceição. II. Título.

22-99872

CDD-B869.3

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Ministério do Turismo apresenta

# HISTÓRIAS de ACORDAR

Instituição Beneficiada:



Patrocínio:



Realização:



SECRETARIA ESPECIAL DA  
**CULTURA**    MINISTÉRIO DO  
**TURISMO**





# Sumário

**As aves divinas moram no infinito do céu..... 7**

**Conceição Evaristo**

**A santinha da prateleira ..... 21**

**Penélope Martins**

**Uma viagem de trem e alguns navios .....35**

**Roseana Murray**

**Peixe Menino Peixe ..... 51**

**Fernando Arosa**

**Quatro em contraluz..... 77**

**Antônio Schimeneck**

**O meu quintal de nuvens..... 105**

**Alan Minas**





# As aves divinas moram no infinito do céu

**Conceição Evaristo**

Imani Maria, desde pequena, bem pequenina gostava de olhar o céu. Sim, encarar o firmamento. A partir do momento em que o pescocinho dela começou a endurecer, sustentando a cabeça, a menina procurava olhar para o alto. Se o colo que lhe fosse oferecido estivesse em um ambiente aberto, como o terreiro da casa da vovó, o olhar dela não abaixava nunca. Se estivesse no interior da casa, mas perto da janela, o olhar da menina se perdia na calma, buscando a visão do céu lá fora. No princípio, quando a mãe de Imani, Victoria Maria, viu a menina sempre olhando para cima, ficou toda envaidecida. Ela pensava que a sua bebê estivesse procurando o rosto dela, pois as criancinhas sempre buscam a face da mãe. Mas a pretensão da mãe de Imani durou pouco. De colo em colo, a menina sempre repetia o olhar para cima. E quando o aconchego era dado pela avó Eduína, mais o olhar dela se fixava no alto. Imaginem vocês, que foi a vovó, já bem velhinha, a primeira pessoa que percebeu o gosto e o gesto da menina. Um dia, vovó notou um gesto

aflito nas mãos de Imani. Lá fora, assentada com a menina no colo, a senhora velhinha inclinou a cabeça para olhar bem de perto o rosto da netinha. E viu quando a criança aflita levantou as mãos querendo afastar o rosto dela, virando a cabeça para lá e para cá, buscando um espaço livre da cabeça da avó para contemplar lá em cima. O rosto à sua frente lhe atrapalhava a visão. Foi quando Dona Eduína entendeu o desejo da netinha. Tão miudinha, mas já sabendo o que queria olhar e ver. Então, afastou o rosto, devolvendo à netinha um espaço, para que o olhar dela buscasse o céu.

Engano pensar que Imani Maria gostasse de ver o céu só de dia, quando a claridade do tempo exhibe porções de nuvens brancas manchando maravilhas no firmamento azul. A menina apreciava também as noites, em que as estrelas brincam brilhantes no fundo escuro do céu. A família inteira se lembrava da agitação dela na noite, quando a menininha descobriu as estrelas. Dava pequenos gritinhos, sorria olhando fixamente para os pontinhos luminosos no céu. Ela estava com uns sete meses, talvez, na época. Tias, tios, primos, todos queriam tirar uma foto com Imani olhando e apontando para o universo celeste para colocar nas redes sociais. E assim foi feito. Durante meses, a proeza da criancinha foi acessada na Internet com o seguinte título: “Imani Maria, a menina que ri para as estrelas”.

Quem pensa que ela se acabrunhava com o tempo das chuvas comete engano também. Nem as chuvas faziam com que Imani despregasse os olhos do céu. O tempo das águas era exaustivamente assistido por ela. Gostava de ver as nuvens derretendo. Nas tempestades, se assustava com os estrondos dos trovões, mas se divertia com a rapidez dos raios cortando o espaço. Raios pareciam jatos de fogo vindo em direção à terra.

E assim crescia Imani, com os olhinhos vasculhando os céus. Era tão

fissurada nas paisagens do alto, que, muitas vezes distraída, tropeçava nos relevos da rua, trombava nas pessoas e pisava nos cocôs de cachorros que emporcalhavam as calçadas.

Do seu interesse pelo céu, ao completar nove anos, a família se reuniu, cada um deu um dinheirinho e presentearam a menina com um telescópio. Imani não poderia receber presente melhor. E desde então, nem bonecas, nem carrinhos, nem pulação de corda ou o jogo de amarelinha substituíam o prazer de Imani, quando, à noite, ela pegava o “tele” para observar melhor o céu. E tanto era o amor, tanto-tanto que a menina tinha pelo seu “tele”, que não permitia que ninguém se aproximasse dele. Imani Maria, que era tão generosa com a criançada em torno, primas e primos, construiu regras de comando para que todos vigiados por ela pudessem por breves instantes contemplar as maravilhas do infinito. Postada ao lado do telescópio, ela pedia a organização de uma fila, onde era preciso silêncio. Uma a uma, cada criança chegava e, durante uns poucos minutos, podia ver a beleza do céu com os seus astros. Podia falar depois, mas antes e durante a contemplação um silêncio fervoroso se dava. E com o passar do tempo, elas iam aprendendo a contemplar o céu, bendizendo com Imani, a beleza do universo.

Futuros eram adivinhados para a menina, baseados no gosto dela pelo universo celeste. Algumas pessoas diziam que ela ia ser astrônoma, estudaria os astros e, com certeza, descobriria muitas novidades no céu. Outras falavam que não. Ela seria astróloga, dessas pessoas que fazem o mapa astral e entendem direitinho a relação dos astros com a vida das pessoas. Entretanto, duas tias de Imani pensavam algo mais ambicioso para a sobrinha. Enquanto faziam salgadinhos e doces para vender, modo como há anos elas ganhavam a vida, sonhavam e falavam o futuro da menina. E acreditavam tanto no que desejavam para Imani, que todos os meses guardavam alguns reais e de

tempo em tempo compravam dólares para a menina. Guardavam o dinheiro estrangeiro em casa, debaixo de sete chaves. Elas apostavam que o futuro da sobrinha seria na NASA. Ela seria astronauta e numa nave espacial, saída dos Estados Unidos, iria para o Universo descobrir novas formas de vida. Tia Lidia e Tia Cota viviam desejando que esse dia acontecesse na existência delas e na vida da sobrinha.

Enquanto sonhos e especulações sobre o futuro da menina iam acontecendo, Imani crescia, conhecendo mais e mais o espaço celeste. Sabia o nome de várias constelações e localizava o Cruzeiro do Sul, as Três Marias e outras. De olho fechado, era capaz de lembrar o brilho do Planeta Vênus, conhecido como “Estrela D’Alva”, assim como observava todas as faces da lua e os eclipses do astro noturno e do diurno, o sol.

Relembrando que não era somente o céu noturno que a menina conhecia, não se pode esquecer, que ainda bebê ela descobriu as nuvens pela janela, enquanto estava no colo da mãe. E que um dia, bem pequenina ainda, queria empurrar o rosto da avó parado na sua frente e que lhe impedia de ver o firmamento. De nuvens, ela também conhecia. Sabia das altitudes das massas que de longe pareciam algodoais. E gostava imensamente das nuvens nimbos, pois eram essas as choronas, as que vertiam suas lágrimas sobre a Terra.

Crescendo de menina para mocinha, Imani Maria ia também aprofundando sua compreensão para o céu e sua misteriosa beleza. Ainda com treze anos, tinha entendimento para crer que uma força maior que a força humana, maior que a ciência, tinha organizado o Universo. E, justamente, quando estava olhando o firmamento, foi que a menina viu... Era uma noite em que um céu todo preto e manchado de vários e vários brilhos cobria o amplo terreiro da casa de Vó Eduína. Foi naquela noite, que Imani Maria viu

uma pomba branca cortando o espaço. A pomba, durante certo tempo, ia e voltava. E o mais interessante é que quanto mais ela se afastava, mais ela se engrandecia, mais perto de Imani a pomba parecia estar. Imani pensou que a lente do telescópio estivesse avariada. Afastou-se do aparelho e contemplou o firmamento com os olhos nus. E lá estava a Pomba Branca, com o seu voo suspenso, em cima do terreiro de Vó Eduína. E quando a visão da pomba foi contada por Imani, a família toda sorriu. Os mais novos sorriram, mesmo sem saber bem o porquê. Vó Eduína foi a que mais se alegrou, dizendo que a presença dos antigos se confirmava. A Pomba Branca continuava se fazendo presente na vida da família, séculos e séculos depois. E celebrou o nome da neta, que, na língua dos antigos, os mais antigos do que ela própria que já era bem velha, significava Fé. Sim, Imani trazia no nome a força da palavra Fé.

A família de Imani era grande de perder de vista. Tanto os parentes do lado materno, quanto os do lado paterno não eram poucos. Quando se juntavam em várias festas, o terreiro de Vó Eduína, que era imenso, parecia pequeno de tanta gente que ficava ali reunida. Dos primos de Imani, havia um do clã paterno que ela gostava particularmente. Era um menino um pouco mais novo do que ela e que tinha o nome de Azekel Junior. Aliás, toda família gostava muito de Azekel, e ele respondia com ternura o sentimento que lhe era oferecido.

Azekel Junior era um menino de sorte. Criança bem-vinda, muito desejada, o primeiro filho do casal Joana e Azekel. Tinha mais duas irmãs, as gêmeas de três anos, Aren e Adisa. O menino já chegou ao mundo com o nome definido, Azekel, xará do pai, portanto, Azekel Junior. Se fosse menina seria Joana, nome da mãe. Tudo bem com a gestação, tudo bem com o nascimento, tudo bem com o menininho, até os cinco anos. Um dia, Azekel chegou da escolinha com os olhos em brasa. Vermelhos, como se fossem duas tochas

acesas no rosto e reclamando de dor de cabeça. Era doloroso o gesto de suas mãos sobre a testa, dizendo que estava doendo, doendo de muito, doendo de morrer. Várias conjecturas foram levantadas. Teria o menino caído e batido com a cabeça em algum lugar? Estaria com meningite? Sarampo não era, pois ele já tinha tido. Coqueluche também não, ele não estava tossindo. Gripe também não. O que teria o menino, por que seus olhos de fogo? E naquela tarde mesmo, começou a peregrinação do pai e da mãe de Azekel Junior. No pronto atendimento, nada pôde ser feito. O paciente mirim não apresentava febre, nenhum sinal de infecção, tinha aparência de criança bem nutrida, bem cuidada. Uma infinidade de exames, vários médicos especialistas, suspeita de várias doenças e aos poucos ia se construindo o veredito final. Azekel estava perdendo a visão. Uma doença que parecia ter chegado tão de repente vinha trazendo uma devastação para a criança e para toda família. Talvez já estivesse instalada no organismo do menino, desde quando ele ainda morava na barriga da mãe. Cegueira irreversível é o que aconteceria com o menino em pouco tempo. Em menos de um ano, ele sofreria a perda total da visão, sentenciaram todos os especialistas consultados sobre a doença ocular de Azekel Junior. Joana e Azekel pai não desistiram. Correram, buscando tratamento para o filho, viajando inclusive de um estado para outro. A mãe, muitas vezes, teve de enfrentar sozinha diagnósticos, viagens, esperanças frustradas, choro e cansaço do filho nas salas de espera, nos aparelhos de medição, diante da infinda contagem das gotas de colírio nos olhos da criança para realização dos exames... O pai aflito cumpria suas horas de trabalho, nem sempre era possível se fazer presente junto à mulher e ao filho. Enquanto durou a fase aguda da descoberta da doença e a via-crúcis das consultas médicas, as gêmeas ficavam com parentes e amigos prestimosos. E o carinho de quem as acolhia era de tanto conforto e de tão extensos cuidados, que as meninhas seguiram felizes e sem nenhum atraso no desenvolvimento.

A vida seguia também para Azekel, apesar de cada vez mais tudo se embaçar diante dos olhinhos dele. Um dia, chorando, em pleno ônibus de viagem, ele voltou o rosto para o lado da mãe e gritou:

- Mamãe, eu não tô te vendo! Não tô te vendo! Você sumiu de verdade! Acabou!

- Estou aqui, meu filho! Respondeu, Joana, no mesmo tom de desespero de Azekel.

Alguns passageiros perceberam a dor e o pranto em coro vindos das vozes de uma criança e da mulher ao lado dela. O motorista, logo depois, na parada obrigatória do ônibus, perguntou a Joana se a criancinha dela estava precisando de alguma coisa. Joana respondeu, segurando o choro, que o filho só pedia para ver o rosto dela, só queria ver o rosto da mãe. Parece que o motorista tudo entendeu, pois emocionado só conseguia dizer:

- Lamento, lamento, lamento...

Essa foi a última consulta para avaliar a gravidade da doença nos olhinhos da criança. Tudo estava acontecendo conforme os médicos vinham dizendo.

Entre novenas, missas, comunhões, preces desesperadas aos santos, pedidos de milagres, jogos de búzios, lavagens de contas, nome da criança e da família sendo escrito e guardado entre as folhas da Bíblia, a família e pessoas amigas seguiam pedindo pelo menino. Tudo virou uma oração só, um pedido único. O desejo de recuperação da vista de Azekel. Que ele voltasse a enxergar! Que ele voltasse a enxergar! Devia ser dura a vida de um menino cego.

Azekel, o pai do menino, era uma pessoa de comportamento muito prático. Quando entendeu que seu filho não enxergaria mais, aceitou o fato e concluiu que seria preciso criar um mundo em casa para a criança viver. Era um homem de fé. Acreditava em Deus e nos santos. Antes, pediu muito a Santa Isabel, a protetora dos olhos das pessoas, que curasse o menino, depois, entendeu o que o seu filho deveria ser. Uma pessoa que não precisaria da visão contida nos olhos para viver. E pensou somente que ele, como pai, a mulher e as meninas teriam de aprender a viver com Azekel da melhor forma possível. O mundo, a vida para o filho não terminava ali. A criança perdera a vista, mas tinha outros sentidos. E acima de tudo, nem a criança e nem a família estavam sozinhos. Azekel tinha as menininhas gêmeas que cresceriam com ele. Tinha a extensa família da mãe e dele, o pai, que também não era pequena. Ele e Joana sabiam que podiam contar também com as pessoas amigas. O menino não estava sozinho. Ele só estava cego, só isso, sem visão no que se refere à percepção dos olhos físicos sobre as coisas. A vida continuaria boa e possível para o menino. E ainda havia a prima de Azekel, Imani Maria. A menina era só um pouquinho mais velha do que seu filho, um ano e meio somente. Azekel gostava muito da prima e da brincadeira que ela propunha sempre. Imani Maria, onde ela encontrasse Azekel, na casa dele ou na casa da avó, os dois se entretinham sempre com a brincadeira de vasculhar o céu. Às vezes, deitados no chão puro, quando os adultos não intervinham com algum forro, ficavam brincando de buscar imagens escondidas no céu. O céu para eles era sempre uma novidade, fizesse sol ou fizesse chuva. Houve um dia no início da tarde, debaixo de um aguaceiro, as duas crianças queriam sair para descobrir o momento exato em que os pingos da chuva se desgarravam das nuvens e despencavam sobre a terra. Foi preciso que um dos adultos, já cansado com a insistência dos dois, trancasse a porta e escondesse a chave. Imani Maria e Azekel Junior não desistiram. Ao descuido dos grandes, abriram a janela e se sentaram no parapeito, ficaram tão molhados como se estivessem lá fora no tempo.



Quando Imani soube que o priminho tinha ficado cego, isto é, não enxergava nada de nada, foi tomada de uma tristeza profunda. Ela era pequena também, não tinha nem sete anos, mas entendeu que o primo não veria mais as belezas do céu. Não veria mais a cara da mãe, do pai dele, da Vó Eduína, que era vó dele também, e da outra vó, que era só dele e que morava ali por perto, e nem a dela. Quando comentou com a mãe a sua preocupação, Victoria Maria respondeu para a menina, que era triste, sim, mas tinha uma solução quanto ao céu que não mais poderia ser visto pelo primo. Ela, Imani, seria a voz que contaria para ele as belezas do firmamento. E como Azekel sabia que ela estaria contando a verdade ao falar do infinito, ele abriria mais e mais os ouvidos e nem de olhos mais precisaria para ver a beleza que pairava por cima dele.

E assim, seguiu a vida. Imani sempre apegada ao céu, embora tivesse também outros gostos, na música, por exemplo, gostava de rock, mas nunca demonstrou desejos de ter uma guitarra ou qualquer outro instrumento musical. Já Azekel era o menino mestre de alguns instrumentos de percussão. Suas mãos, como olhos de seu corpo, dançavam ritmadas sobre um atabaque, uma conga ou um bongô. A família se emocionava principalmente ao ver o menino tocando atabaque com as mãos ou com as baquetas, pois tinha sido o primeiro instrumento que ele aprendera depois de perder a visão. Azekel tocava de tal jeito, que o mundo ao redor sumia. Só se via um menino iluminado de olhos fechados, só se escutava um menino-toque, um menino-música, um menino vindo de tempo passado, lá de longe, se fazendo no presente.

Assim que Azekel Junior soube que Imani tinha visto a Pomba Branca no firmamento, veio nele o intenso desejo de contemplar pela audição o voo da ave nos céus do terreiro de Vó Eduína. Ansioso, pediu para que o deixassem ir até lá. Mãe Joana concordou, a distância era pouca. Diversas vezes, o filho

fazia o percurso sozinho. Não tinha algum perigo, a vizinhança conhecia o menino e toda a história dele.

E quando Azekel Junior chegou no terreiro de Vó Eduína, parte da família esperava por ele. Joana, a mãe, logo depois que o menino saiu, resolveu ir atrás dele levando o atabaque. Ela imaginou que aquela sexta-feira seria uma tarde de festa. As menininhas gêmeas, Aren e Adisa, já crescidas foram atrás. Azekel, o pai, sem quê, nem por quê, conseguira sair mais cedo do trabalho e foi direto para a casa da avó do menino. Ele teve o pressentimento de que o menino naquele dia iria para lá. Desde o momento em que seu filho ouvira falar da Pomba Branca vista pela prima, ele percebeu o desejo do menino em ir ver o pássaro.

Naquela tarde, o tempo se fazia provando a sua eternidade. Acabava o dia e começava a noite, na verdade, nada acabava. O fim era o princípio de um novo ciclo. E aos poucos, o terreiro de Vó Eduína se transformou em uma aldeia, em uma tribo, para vocês entenderem melhor. Pessoas parecidas, mas cada uma podendo ser diferente uma da outra, inclusive na visão e no acolhimento da Pomba Branca. De repente, em meio à conversação geral, uma voz se ergueu. Era dona Eduína, muito calma e com a certeza do que iria acontecer, pediu ao neto, Azekel, que tocasse o atabaque. O menino levantou de pronto e recebeu o instrumento das mãos de sua mãe. Azekel, o pai, ora baixava os olhos para contemplar o filho, ora levantava o olhar contemplando os céus, como se estivesse entregando o filho às nuvens. Azekel Junior pegou o atabaque e com um gesto, como se quisesse louvar a natureza suspensa, ofereceu o atabaque aos céus. E primeiramente, com gestos leves, com as pontinhas dos dedos, quase alisou o instrumento. Depois foi acelerando, acelerando, acelerando. Muitas pessoas cantavam. As palavras não eram únicas, percebia-se que eram falares e cantigas diferentes, mas as vozes de

uns não atropelavam, não atrapalhavam as outras vozes. O menino Azekel era o guia, aquele que conduzia o rebanho pelos campos e montes da oração cantada. Ele era o guia. Azekel Junior era o guia. Ele ia de olhos fechados, mas seu coração conhecia o caminho.

E a menina Imani Maria? Ela estava assentada sobre uma esteira, esperando a Pomba Branca chegar. Aos poucos, pedaços de clarões iam abrindo no céu e não eram relâmpagos. Não eram. Eram os reflexos do voo da Pomba que se aproximava. Imani Maria, calma, esperava pela ave. Todas as pessoas também. E talvez, para que os corações se abrissem mais e mais na esperança, na expectativa, no desejo de contemplar, mais a ave fazia o voo de quase vir para depois se afastar. E teve um momento de afastamento tão longo, que algumas pessoas pensaram que as suas orações tinham sido vãs. Azekel pai, o homem prático e fervoroso, que sabia o significado do seu nome como aquele que está “rezando ao Senhor”, se manteve firme nas palavras e nos cantos para louvar e chamar a graça divina. Seu nome dizia a fé na oração. E foi quando, em meio às vozes que faziam silêncio e às que faziam sons de chamamento para que a Ave se apresentasse, que Azekel Junior pediu silêncio, pois estava ouvindo o roçar de asas ao longe. Todas as pessoas apuraram o ouvido. Ninguém escutou. Só o menino escutava. Entretanto, a fé de Imani, significada em seu nome, sabia que a Pomba Branca estava chegando. E quando a ave veio e pousou solene no terreiro de Vó Eduína, todas as pessoas ali presentes se sentiram cobertas de Axé e bem-aventuradas por serem tocadas pelo Espírito do Senhor. Vó Eduína saudava o passado e agradecia aos antigos a sabedoria presente de seu povo e pedia que a Pomba Branca de Oxalá nunca se afastasse de seu terreiro. Enquanto isso, Azekel agradecia ao dom do Espírito Santo o entendimento que ele recebia para cuidar de seu filho, não só ele recebia, mas toda família era assistida pela Pomba Branca do Divino Espírito Santo.

Na esteira de palha, sentados, Imani e Azekel, primos-irmãos, seguram envolta em uma toalha branca de renda, a Pomba Branca que estava prestes a levantar voos, pois as aves divinas moram no infinito do céu.







# A santinha da prateleira

**Penélope Martins**

“prepare o seu coração  
pras coisas que eu vou contar”

Geraldo Vandré

Muita gente pode pensar que Dona Maria Rosa é do tipo desleixada, descuidada das unhas, chinelos remendados suportando o peso de seus calcanhares rachados, cabelos amarrados ao vento sem trato de maciez, sem brilho de estrelas, nem de longe parecidos com os comerciais de xampu. Para as bocas atizadas de veneno, um farrapo de mulher, apelidada de relaxada, batizada com rótulo de reprovação com a elegância de algumas pessoas que parecem educadas quando apontam, “lá vai Dona Maria, tão pouco esmero, nenhum zelo”. Até preguiçosa já sussurraram quando de sua passagem espremidinha em timidez na fila do serviço social, pedindo por auxílio. Seus filhos são descritos como crias nas rodas de fofoca, os “largados no mundo”, embora a mãe não largue deles quase que nunca, embora nenhum dos meninos se afete com disse me disse enquanto rolam pelos terrenos baldios esfarrapando as roupinhas já gastas, coisa de doação. Verdade que são vistos encardidos das testas aos pés na terra, brotando grama entre os dedos, mas Dona Maria Rosa só balança a cabeça, “criança é assim mesmo, tem que sentir liberdade antes que o mundo tome”.


Nascida no sertão, Maria Rosa foi a sétima filha de Seu Januário e Dona Cotinha. No sol de rachar moleira foi que ela aprendeu a descascar macaxeira para fazer farinha junto de seus irmãos e primos. O único brinquedo era aquela faquinha raspando rápido para dar conta de ralar e botar moída a tempo de fazer algum dinheiro. Vez por outra era um dedo partido na ponta da lâmina ou uma lasca nas pernas, e o pai zangava por ver o tempo perdido, estancando sangue no lugar de terminarem a lida.

A escola que Maria Rosa frequentou foi tão somente a da poeira da estrada, atravessando lonjuras atrás de encher o latão de água de açude, plantando feijão, colhendo milho. Cresceu desmilinguida, saltando os ossos na carne. Os olhos tristes teimando ver alguma poesia na flor do cacto espinhoso que abria no fresco da noite, sem contar sua cadelinha, Flor-de-Xero, uma vira-lata que uivava cada vez que as mãos de Maria deixavam escapar para sua embocadura um punhadinho de cuscuz, vez por outra um tico de charque. Ai se a mãe de Maria soubesse que a menina fazia questão de dividir com sua companheira o luxo do seu pratinho de comida.

Na fartura da fome, seus pais prometeram sua mão e baniram o resto de meninice que ela tinha. Enxotada para um casamento aos seus quatorze anos, Maria Rosa se mudou para a casa de um homem muito mais velho do que ela. Varria a casa, limpava as vasilhas com escovinha, botava as roupas no varal depois de gastar os dedos de esfregar, ouvia os gritos e os mandos do marido. “Homem é quem manda aqui. Homem traz sustento pra casa. Tu é só uma mulherzinha feita pro serviço da casa.”

De tanto beber, batia, de tanto bater calcava marcas em costelas, braços, pernas, e assim o marido desenhava tatuagens que o tempo não apagaria do corpo de Maria Rosa.





A primeira vez que pegou barriga, encheu e encheu até desmaiar de dor. O bebê não veio com as dores e a parteira disse que não ficasse triste, logo ficaria grávida de novo. Maria Rosa rezava para que não viesse criança nenhuma, que ninguém mais apanhasse como ela, nem passasse fome e frio e choro seco na garganta. Mas a sorte sorriu com três meninos.

Depois de nascido o terceiro, o homem comemorou tanto com os amigos entornando copos de cachaça que acabou desfalecendo sobre as garrafas. O médico disse que foi coração fraco, até aconselhou Maria a se casar de novo, era moça, tinha os filhos pra criar e homem lhe traria sustento.

Maria Rosa não quis saber de conversa de casamento, vendeu a casa por uns trocados, catou os meninos, fez um farnel de roupas moídas, um resto de provimento dos armários, bolacha, um feijão temperado com carne de sol e farinha, o cartão do benefício da pensão que não somava um salário mínimo. Montou caminhão sem destino certo, carregando as crianças e dando jeito de esquecer o desespero. “Vou ajeitar trabalho, tem gente boa na cidade grande, gente que estudou e sabe tratar gente melhor, gente que sabe da vida.”

Sem amparo para a madrugada, os corpinhos desembarcados se amontoaram no banco de uma praça no miolo central da cidade. Maria pegou os farrapos para cobrir o menorzinho enquanto ele tentava extrair seu pouco leite. Os outros dois rodearam a mãe, pediram o que fosse de comer, mas o embrulho da lata estava tão seco, nenhum grão. Era dormir e pronto.

No amanhecer, Maria rumou sem destino pelas ruas, nos braços o caçula não chorava, e seus irmãos nem gemiam fome. Pareciam meninos crescidos, entendedores da dor e da esperança, buscando no remoer dos pensamentos uma história melhor para contar nos próximos dias.

Estendeu a mão na porta de restaurante, mercado, no meio da rua, era Dona Maria Rosa e seus meninos sem ter para onde ir, sem ter o que comer, sem teto para acolher, sem uma palavra amiga. Os carros não paravam, as pessoas olhavam com desprezo e vez por outra alguém soltava “vai trabalhar”, mas não dizia onde.

Surpresa maior de Maria foi perceber a boniteza de umas pessoas, coisa de televisão nas peles perfeitas, nas roupas sem rasgo, nos sapatos lustrosos. Pena que a maioria se encolhia quando seus meninos puxavam conversa, pareciam ter medo de pobreza, como se fosse doença contagiosa, bicho que morde.

Seo Cícero entrou na história por conta do abacaxi fatiado no meio fio. Os meninos de Maria ganharam uma fatia, depois outra. Maria ficou sem graça, mas aceitou quando a mão rude do homem entregou um saquinho com as frutas descascadas. Ela apanhou o embrulho, agradeceu e já tomava o rumo quando escutou:

– A moça tá sem destino nessa cidade? Tá perdida?

Demorou Maria escutar o que não fosse xingamento.

– Vim de boleia com meus filhos. Foram três dias de viagem até aqui.

– E vai ficar na casa de quem?

– Tem disso não.

– Não tem parente na cidade?

– Tenho não. Mas tem pessoa tão fina por aqui, o senhor sabe, gente



educada... Pensei arranjar um trabalho pra morar com meus meninos.

O homem soltou uma risada. Maria assustou.

– Desculpa, dona menina, mas gente educada aqui não leva gente que nem a senhora pra dentro de suas casas.

Os meninos terminavam de se lambuzar, barrigas cheias e mãos coladas no açúcar de fruta. Seo Cícero estendeu o galão de água pra lavarem as mãos e foi recolhendo os pertences.

– Vamos, eu vou levar a senhora e os meninos lá em casa. É casa modesta, mas dá pra ajeitar uns dias até que suas ideias entrem no lugar. Quem sabe a menina tome tento e regresse para sua terra natal, para os braços de sua mãe. A menina tem mãe?

Maria Rosa balançou a cabeça. Nem sim, nem não. Sabia que não teria abrigo com pai e mãe, e seus irmãos já estavam espalhados pelo mundo.

– Tenho pensão. Sou viúva do pai dos meninos. Dá pra arrumar de alugar um quartinho?

– Podemos tratar disso. Tenho que ver com a patroa.

Sorte Dona Cleonice ser tão amorosa. Fez arroz, feijão, esticou uns bifés na tábua a marteladas, fez salada de folhas. “Os meninos precisam comer de tudo, tão crescendo”, dizia.

A casinha de Seo Cícero e Dona Cleonice, tinha parte de tijolo e outra parte feita de tábuas enchidas de papel de jornal que suspiravam um odor

sufocante de bolor. Uma cama de pé quebrado que os dois dividiam no quartinho, um caixote com roupas, uma santinha em cima da prateleira com uma flor de plástico.

– Essa é Santa Rita, atende tudo o que peço. – Fazia sinal da cruz enquanto tocava os pés da santa. Cleonice arrastava um pé, efeito de alguma queda, pensava Maria Rosa.

– Conheço não essa santa. Nunca fui em igreja, meu pai não deixava sair de casa, só na roça mesmo. E depois eu fui casada, não podia nada. – respondeu Maria.

– Aqui em casa não tem lugar para você e seus meninos, nem preciso dizer, você tá vendo a situação...

– Não se preocupe, Dona Cleonice, a gente se arranja por aí.

– Cícero já falou com o Zé Estrela, ele tem um barraco de aluguel que vai servir. Você tem pensão, paga aluguel e fica tudo certo.

Meses depois já chamava Maria Rosa de vizinha. Os meninos vinham comer na casa de Dona Cleonice e Seo Cícero dia sim, dia não. Os dois não tinham ninguém no mundo, só um ao outro, e agora a menina Maria e seus filhos. “Criança que teve criança”, sorria Cleonice se referindo à Rosinha, assim passou a chamá-la.

Acontece que Maria Rosa levou muita surra na cidade. Não de pau como fazia seu pai, nem de reio de burro como fez tantas vezes seu marido. Levou surra de desprezo, de não, de porta fechada em sua cara, nenhuma chance de contar sua história, nenhum emprego.

“Não tem estudo nenhum, como pode trabalhar”, “Sua experiência em carteira, cadê?”, “Sabe mexer com aspirador de pó, sabe passar roupa?”, “Se não lava nem as próprias roupas, como é que vou te dar emprego, minha filha!”. Maria Rosa voltava para a viela onde morava sempre cabisbaixa depois de bater perna atrás de ter o que fazer na cidade. Os ombros enterrados no peito de tão curvos.

– Queria ter uma roupinha melhor, menos encardida. Sabão também é caro, a senhora sabe. Acho que não sirvo para nada, Dona Cleo. Nem sei mexer nesses bichos de botar em tomada e as patroas são muito ocupadas, falam no celular, não têm tempo de olhar na minha cara.

– Calma, Rosinha. Pede ajuda da Santa Rita. Diz que a minha santinha fez brotar uma roseira plantando no meio do gelo lá longe nas terras que ela vivia.

– Essa santa é estrangeira, é?

– Muito. Ela é importada. Freira das boas. Mas foi casada, viu?

– Como era isso? Freira não casa, Dona Cleo.

– Mas essa se casou e teve filhos e tudo. Antes de ser freira, Rosinha, claro. Se não era pecado.

– E foi freira por causa de quê?

– Porque ele surrava a mulher noite e dia, fazia de capacho mesmo.

Maria Rosa só abaixou a cabeça nessa conversa. Disfarçou a lágrima que quase cresceu em seus olhos. Os meninos não podiam ver fraqueza na mãe.

Fosse o que fosse, eles eram muito pequenos para dar conta desse moído de dor. A mãe queria só que eles tivessem da vida algum tipo de brincadeira, de riso, de sonho.

O dinheiro da pensão dava só aluguel e pouca coisa de alimento. Maria Rosa começou a trazer para Dona Cleonice o que arranjava e as duas dividiam gás, panela, vasilha, tudo que no outro barraco não tinha. Os meninos dormiam enrolados em cobertores junto ao corpo da mãe. Mas isso não incomodava nem as crianças, nem Rosinha. “Aqui a gente é dono da gente. Ninguém vai relar a mão em vocês.”

Acontece que uns imprevistos atravessaram o caminho das duas mulheres. No dia 12 de outubro daquele ano, os meninos de Maria Rosa viram chegar Seo Cícero, pés inchados de tanto andar para vender seus abacaxis cortados, suas sacolinhas preenchidas de mexerica, tudo ajeitado sobre sua banca de madeira improvisada em carrinho de mão. O homem vinha desconsolo puro, trazia um presentinho para cada um dos meninos, e o carrinho de trabalho não se via.

– Tomaram meu carrinho, coisa dos homens da lei. Disseram que eu não posso trabalhar cortando fruta na rua, chamaram porquice minha, falta de higiene. Logo eu, levo até galão de água para lavar as facas, as mãos.

Os meninos abraçaram Seo Cícero e lhe pediram a benção. O homem desatou em lágrimas, nem deu tempo de distribuir os brinquedinhos, um pião, fubecas, uma peteca de penas rosas e azuis e verdes. Caiu da cadeira sem ar, foi parar no hospital meses a fio até se perder em nuvens.

Dona Cleonice ficou desmemoriada. Não penteava os cabelos, não cozinhava feijão, não punha água na boca. Maria Rosa entregou o barraco e foi para casa dela com seus meninos, mesmo sabendo que o barulho das crianças iria incomodar a vizinha. Qual seria outro jeito? Cleonice não tinha trabalho, era

mulher do lar como tinha sido com a mãe de Rosinha. Cícero, embora caridoso e justo, não era homem de ter mulher solta na vida, não achava certo. Cabia a ele o sustento, ela cuidava era dele. E assim estavam os dois, vivendo bem no amparo de Santa Rita, até que o homem partiu para o hospital para nunca mais regressar.

– Parece que pobre nasce casado com o azar. – murmurou Maria.

– Mãe, a gente quer comer. Tem o de comer? – perguntou Estevão.



Estevão já completara 5 aninhos. João tinha 4. Antônio 3. Aquela vida na cidade já tinha algum tempo. Uma vez era uma faxina grossa que Maria Rosa fazia empilhando caixas, lavando chão com água sanitária no mercadão, outra vez era vendendo bala de goma nas ruas. Catava latinhas nas lixeiras para juntar uns trocados. Passava pelas pessoas ora como sombra, sem ser vista, ora como assombração, via nos olhares o pânico, a incerteza.

– Nunca fui desonesta. Nunca tirei nada de ninguém. Nunca, nem para dar de comer a vocês. Ouviu isso, Estevão? Ouviu, João? Ouviu, Toninho... nunca a mãe fez coisa feia. A mãe é pessoa honesta. Vocês sabem disso. A necessidade é que é muita. Muita e mais forte do que meu suor.

– Mãe... o de comer... – insistiu o mais moço.

– Segure aqui seus irmãos. Fique perto de Dona Cleo. Eu vou ali e já volto.

Para desespero de Santa Rita, Maria Rosa foi até o mercado. Caminhou mais de vinte minutos para chegar até lá. Andou pelas gôndolas, pegou pão, um litro de leite do mais barato. Fez as contas do que tinha. Pegou um pote de margarina, um sabonete. Queria muito pegar um pedaço de carne. Lembrava Dona Cleonice, “os meninos precisam comer de tudo”, mas não podia, carne

era coisa de gente rica. Banana, comprou três, uma para cada um. Com a fome na própria barriga, Maria Rosa se acostumara. Com seus filhos, não. Criança precisa de comida no prato e coberta para se deitar. Era o mínimo.

Fez e refez as contas antes de chegar no caixa. Não dava. Foi nesse momento que Maria Rosa resolveu que levaria tudo para casa, colocou o pote de margarina na bolsa, tremendo de medo.

As mãos do segurança lembravam as pias que Rosinha levou do marido. Por sobre seus braços, seguindo as cicatrizes dos cortes das cintadas do passado, o homem suprimia os músculos e a jogava no chão com um só golpe.

Quando a polícia chegou, a boca de Maria Rosa sangrava. Ninguém perguntou o que era aquilo.

– A moça vai direto conversar com o Delegado. Ladra sem vergonha, hein? Roubando manteiga, mas tem dinheiro pra comprar fruta, leite... até sabonete. Vaidosa, hein? Safada. – disse o Sargento.

– Madame ela. – respondeu o parceiro.

– Essa gente não tem a mínima vergonha. – Foi o que disse uma senhora que passava por ali bem no instante em que Maria Rosa era levada presa.

Maria Rosa não teve tempo de voltar em casa, avisar Dona Cleonice, pedir desculpas pelo mau jeito. Estevão deve ter procurado por ela, era esperto o menino. Deve ter rodado a viela toda, de casa em casa.

Santa Rita ficou calada na prateleira, vendo tudo do alto, como se fosse um programa desses de televisão.



João chorou de fome e isso fez pena. Meses depois ainda aconteceriam noites e dias assim.

A história de Maria Rosa ficou longe de acabar. Sorte sua que a Delegada era devota de Santa Rita.

– Disse Dona Cleo que essa aí era surrada pelo marido quase em ponto de morrer. Depois virou freira e fez milagre. – Apontando para a santinha na mesa da Doutora, os olhos baixos.

– Dona Maria Rosa, roubou, foi?

– Tentei levar margarina. Meus filhos só comeram disso uma vez. Carne não dava, não senhora. O sabonete a senhora sabe, a gente é pobre, mas quer ser limpo. Só roupa velha que não tem jeito. Desodorante é coisa que nem sonho, não senhora. Mas acho muito bonito pessoa que passa desodorante.

– Dona Maria Rosa, tem dinheiro aí para pagar essa margarina e esquecer esse caso?

– Tenho não senhora.

– Tem, deixa eu ver quanto a senhora tem.

Maria Rosa abriu a mão com as notinhas amassadas. A Delegada apanhou as notas e contou tudinho, entregou ao segurança e remendou com voz segura:

– Pronto, agora vamos esquecer o caso que essa mulher já pagou a dívida.

– Mas ela estava tentando roubar, Doutora.



– O senhor por acaso vai me ensinar o beabá aqui na minha delegacia?

– Não senhora.

– Pois, então, o senhor agora quer me explicar essas manchas roxas nos braços dela?

Maria Rosa foi logo atropelando sem fôlego, morta de medo de um dia esbarrar no sujeito em alguma rua de sua vizinhança:

– Isso não foi ele, não, Doutora, isso já tava assim.

– A senhora está certa de que não quer registrar uma queixa contra o segurança? Porque dinheiro a senhora tinha para pagar, eu fiz a conta aqui, está tudo certo, mas essas marcas nos seus braços estão parecendo agressão.

– Foi nada, Santa Rita sabe que eu não minto. – jurou Rosinha.

– Tome o seu caminho com o Sargento Ramalho, acerte as contas com a caixa do mercado. E fique atento, viu? Se eu souber que o senhor agrediu essa mulher, eu volto pessoalmente naquele mercado e trago o senhor arrastado pela orelha até a minha delegacia. Aqui homem não bate em mulher coisa nenhuma.

– Sim, senhora, Doutora.

Maria Rosa levantou a cabeça, bem de leve. Não encarou o segurança, não. Mas olhou nos olhos da doutorzinha que parecia ter uns quinze anos, parecia uma menina, tão linda, os cabelos cheios de cachos brilhosos feito aqueles dos comerciais de xampu, as bochechas maquiadas, o batom vermelho.

– A senhora me viu, doutora, a senhora me viu... eu juro, sou pessoa honesta.





# Uma viagem de trem e alguns navios

**Roseana Murray**

Devo dizer que sou habitada por objetos antigos, bússolas, cataventos, astrolábios, rocas e teares, além de rádios pesados e máquinas fotográficas que vieram de séculos passados. Talvez porque seja poeta, artefatos antigos, e hoje quase inúteis, são essenciais na minha existência. Guardar tudo isso dentro de mim não é tão fácil, às vezes, fico meio atravancada, como um bricabraque ou um sótão abandonado, onde aranhas laboriosas fazem suas teias. Então, meus pés se arrastam, meu corpo range feito uma porta com as dobradiças enferrujadas. Quando isso acontece, preciso me sentar e escrever. Na hora da escrita, escolho um ou mais dos meus instrumentos, e tudo se acalma.

Também devo dizer que sou apaixonada por trens e suas estações, mas presumo que esse é um fato comum na vida de um poeta. Afinal, quando nos sentimos aprisionados, basta imaginar um trem correndo pelas estepes ou serpenteando pelas montanhas, e a prisão se derrete, embora existam trens tão terríveis, que nem é bom lembrar, trens que um dia carregaram gente como



gado rumo a um fim trágico.

Ser poeta não tem muita serventia, a não ser atravessar a existência carregando imagens e palavras para dar nome a sentimentos e sensações. Não é o mesmo que colher amoras no bosque, mas é quase.

Para contar esta história que vou contar, que fala de abandono e sobrevivência e de como um poema conseguiu de certa maneira salvar a vida de uma criança, escolho o catavento e o faço girar às avessas para empurrar o tempo para trás, muito para trás, para bem antes do meu nascimento.

Numa aldeia, na Polônia, no final do século XIX, numa comunidade judaica, minha avó, que se chamava Fayga, saiu bem cedo para lavar um pouco de roupa no rio. Já era uma moça e cantarolava baixinho; ela pensava, logo lhe arranjariam um marido, e, se Deus permitisse, ele seria um bom homem. Não havia ninguém na beira do rio, e ela sentia nas mãos a água fria e um cheiro bom do ar fresco.

Imersa em seus pensamentos, levou um susto quando ouviu a voz que lhe dava bom dia. Ela se virou, e ele estava ali, assustado, exausto, pedindo ajuda. Ele se sentou ao seu lado e lhe contou que viera de outra aldeia, caminhando. Fazia alguns dias que caminhava. Tinha fome. Estava exausto e meio perdido. Era uma história confusa, parece que o conde, dono das terras onde morava junto com outras famílias, expulsara os judeus. Ele era órfão e, junto com todos, juntara seus poucos pertences e saíra andando. Havia se separado dos demais e agora estava ali, fazia dois dias que não comia nada, será que ela poderia ajudá-lo?

Minha avó juntou as suas roupas e o levou para casa. Kalman era seu

nome. Era uma sexta-feira, dia de limpar todas as coisas, preparar o sábado, o “Shabat”. Seu pai fazia as orações e, quando terminou, ouviu o rapaz, informou-se sobre a sua família e sobre a sua linhagem. Ele vinha de uma boa família, então, o pai disse que poderia ficar uns dias no paiol, poderia comer com eles e poderiam rezar juntos.

Minha avó e o rapaz se apaixonaram, se casaram, tiveram duas filhas e fizeram uma grande viagem quando pressentiram a Guerra. A Guerra toca os seus tambores e vai afiando os seus dentes como um lobo faminto, muito antes de acontecer.

A minha mãe tinha quatro anos, quando embarcaram para o Brasil, na terceira classe de um navio, o que os salvou de, no futuro, serem embarcados no tipo de trem que mencionei acima. Essa viagem rumo a outro país, outra língua, é tão inimaginável, que nem com todos os instrumentos conseguiria descrevê-la.

Naquela época, as viagens de navio eram longas entre um país e outro. Podiam durar quarenta dias ou mais da Europa até o Brasil.

Sair de um país muito frio, como a Polônia, e chegar no Rio de Janeiro, com toda a beleza quase intacta do começo do século XX, com o calor e as cores vivas que eram quase uma dança, devia ser tão emocionante, que não consigo imaginar o que meus avós sentiram, o impacto imenso em seus corações que batiam as asas, assustados.

O navio aportava na Praça Mauá do Rio de Janeiro, onde, num passado nem tão distante do dia em que meus avós desembarcaram, Navios Negreiros traziam pessoas escravizadas da África e as jogavam em mercados para serem

vendidas. Era bem perto dali, no Cais do Valongo.

Um homem se sentava ali no Porto, numa mesinha, com uma placa na sua frente escrita “Poliglota”. Ele devia falar muitas línguas para ajudar as pessoas que vinham para o Brasil de países distantes. Certamente, ajudou os meus avós, que não falavam nenhuma palavra de português.

Dali, seguiram para uma cidade do interior, onde já existiam judeus que vieram antes, também sentindo o cheiro da Guerra. Meus avós foram bem recebidos, ficaram em algum lugar provisório, até terem a sua própria casa.

Meu avô não tinha uma profissão definida, então, vendia joias e roupas de porta em porta e ganhava uma comissão. Assim, sustentava a sua família.

A lembrança mais antiga que guardo da minha avó Fayga parece um quadro.

Eu era muito pequena e me lembro de uma casa com quintal. Mas eu estava na cozinha, e minha avó cortava carne para um gato. Ela me deixara dar um pedaço de carne na sua boca. Lembro da emoção: uma alegria misturada com medo que era como um vendaval. O gato foi rápido e num zás-trás abocanhou a carne e fiquei tremendo. Era maravilhoso. Depois, toquei seu corpo de seda viva. Quando criança, nunca tive um animal de estimação. Fez muita falta.

Minha avó era miúda e silenciosa. Eu gostava da qualidade do seu silêncio. Rezava muito e, quando não estava arrumando ou cozinhando, levava sempre consigo um livro de orações. Ela se sentava, abria o livro e lia as orações sussurrando.



Depois, mudou-se para uma cidade grande e morávamos perto. Naquela época, nosso bairro era calmo, e eu podia, com meus sete anos, ir sozinha da minha casa até a sua. Primeiro, ela morou numa vila, depois, não sei por quê, mudaram-se para um apartamento. Eu a seguia como um gato. Como aquele gato que comera na minha mão. Gostava do jeito com que ela me oferecia o seu amor, em forma de biscoitos de nata.

Meu avô também era quieto, e acho que para ele eu era invisível. O mais fascinante da sua pessoa era o relógio redondo que possuía e me emprestava. Um relógio de corrente que levava no bolso da calça.

Quando criança, não conhecia a história de amor dos meus avós e não sabia nada sobre os navios e os trens. Só muito mais tarde fui saber.

Entre eles, falavam outra língua, e eu não perguntava por que, para mim era normal, já que na minha casa meus pais, às vezes, quando não queriam que nós as crianças entendêssemos o que diziam, também falavam em outra língua.

Os avós são como árvores antigas. Alimentam-nos com sua seiva, sua pele enrugada. Carregam para os netos o sol e a lua numa bandeja, e sentarmos à sua sombra, como se fossem baobás, como se fossem música, é quase como saber voar.

Um dia, desaparecem, mas deixam sempre muitos tesouros em nossas mãos e assim como vivem nas estrelas também vivem dentro de nós.

Minha mãe Bertha, a filha deles, a que veio da Polônia com quatro anos, não se lembrava nada da sua viagem e nunca falou sobre isso.



Ela se casou com um homem jovem, mas já viúvo, com dois filhos, que também viera da Polônia, mas num outro navio, em época diferente, pelo mesmo motivo: a sua mãe, a minha outra avó que não conheci, havia perdido o seu marido assassinado apenas por ser judeu e temia pelos seus filhos. Como já tinha parentes no Brasil, ela veio. Foi muita sorte da minha parte. Quando chegou a guerra, milhões de judeus foram embarcados naqueles trens que citei logo no começo desta história, que carregavam as pessoas como gado para um final terrível.

Se meus avós não tivessem saído dos seus países para se salvar, eu não existiria para contar esta história, que é muito diferente da história dos homens e mulheres que vieram escravizados da África para o Brasil, em navios tão horríveis quanto os trens que carregavam gente como gado lá na Europa.

Milhões de judeus foram mortos e milhões de pessoas foram escravizadas, e trens e navios e guerras fazem parte desta história.

Se eu hoje fizesse uma lista do que mais amava na minha infância, no primeiro lugar da lista viria a minha avó. Mas bem junto dela, viria a minha babá, a Eunice.

Na história da Eunice, também existe um navio. A sua avó fora escrava, e não sei se ela ou a sua bisavó vieram da África. Eunice era a minha segunda mãe, a que cuidava de mim, já que a minha mãe trabalhava fora de casa, ela e meu pai dividiam afazeres na loja.

Eunice tinha a cor mais bela do mundo e um andar de rainha. Ela me protegia contra todos os males e velava dia e noite pela minha segurança. Era alegre e às vezes triste, e cantava e dançava. Na cozinha, que era o seu

reino, havia sempre um rádio ligado, e ela cantava e cantava numa sinfonia de cheiros maravilhosos que saíam de suas painéis.

Ela tinha mãos fortes e um corpo forte e um filho. Eunice deixava o filho na casa de uma pessoa, para que pudesse trabalhar na minha casa. Mais tarde eu fui perceber o tamanho dessa dor.

Ela me levava junto quando ia visitar seu filho, que se chamava Aderbal. Subíamos um morro bem íngreme para chegar até a casa da senhora que o abrigava. A senhora também era negra e carregava um navio em suas veias, embora, quem sabe, nem se lembrasse, pois tudo acontecera muito antes de ela nascer.

Eu adorava aquela casa que não tinha muros, e todo o espaço que havia em volta era nosso, das crianças, sem fronteiras. Naquela época, no morro, não havia violência, só pobreza. Dona Edméia, assim se chamava, tinha duas filhas, então, fazíamos um quarteto e brincávamos até quase escurecer.

É fácil ou difícil aprender uma língua que não é a nossa? Ou se aprende ouvindo, morando em outro país, ou estudando. Como a Eunice estudou muito pouco, mas gostava de música, tinha bom ouvido, aprendeu muitas palavras da outra língua que meus pais falavam, uma língua que se chama “ídiche” e que era a língua dos judeus na Europa. Na Polônia, meu pai, Lejbus, não falava polonês, falava a língua dos judeus.

Por que existem tantos idiomas no mundo? Eu nunca soube responder a essa pergunta. Os indígenas no Brasil, por exemplo, possuem hoje 274 línguas, e os africanos que chegaram ao Brasil eram proibidos de falar as suas línguas, por isso, elas foram esquecidas. Falamos português, porque, lá no começo, em

1500, quando os portugueses invadiram o Brasil com suas caravelas e depois dominaram o Brasil, trouxeram a língua portuguesa e ficou proibido falar qualquer outra.

Mas, como dizia, a Eunice aprendeu muitas palavras em ídiche, e havia uma que ela adorava: Mishiguene, que quer dizer maluco ou maluca. Quando ela brigava comigo, se eu fazia alguma besteira, ela dizia assim:

- Ficou mishiguene, menina?



Perto da nossa casa, havia um Clube muito bonito. Era um Clube de Tênis. E dentro do Clube, um professor de tênis, que era um belíssimo homem cubano. Nunca entramos no clube, eu e a Eunice, mas, não sei como, ela conheceu o tal professor, que só falava espanhol e quando ia encontrá-lo me levava junto. Ela aprendeu muitas palavras em espanhol. E assim como de vez em quando soltava alguma palavra em ídiche, de vez em quando, ao ajudá-la a botar a mesa, ela dizia:

- Menina, me passe uma colher -, ao invés de dizer colher.

Penso na Eunice como alguém que adorava ouvir outras línguas, cantar músicas em inglês, como aprendia ouvindo no rádio.

E se tivesse podido estudar? Se tivesse podido estudar quantas línguas quisesse? Se, ao invés de ter que pagar a uma senhora para que cuidasse do seu filho para que pudesse cuidar de mim trabalhando na casa dos meus pais, ela fosse professora de espanhol ou inglês e vivesse outro tipo de vida?

Eu queria que ela se casasse com o namorado cubano, mas, ao mesmo

tempo, tinha medo de que a levasse embora para longe de mim. Ele voltou para Cuba, e eles nunca mais se encontraram.

Uma vez por semana, íamos à feira. Era a minha experiência de vida mais impressionante. Todos os feirantes conheciam a Eunice, ela me apresentava como a sua filha branca, e eu ganhava pedaços de fruta, queijadinha, era tudo tão vivo e colorido, que parecia outro mundo. Eunice começou, então, a namorar um feirante. Ele trabalhava numa barraca, era o Benedito. Eu o adorava, ele me enchia de presentes. Afinal, foram morar juntos, no mesmo morro onde se encontrava o seu filho. Alugaram uma casinha, mas ela só ia para lá nos fins de semana.

Hoje, sei o quanto sua vida era dura e o quanto me amarrava em seus desvelos, em seu afeto, como as africanas amarravam seus filhos ao próprio corpo.

Existem milhões de Eunices pelo país, que não puderam estudar para realizar alguns dos seus dons plenamente. Milhões de Eunices que precisam deixar seus filhos.

Meu pai também não pôde estudar, pois, logo ao chegar ao Brasil, precisou trabalhar, vendendo, como o meu avô, de casa em casa. Mais tarde, pôde ter a sua pequena loja. Ele aprendeu a escrever e ler em português sozinho. Ele gostava muito de ler e de ouvir música clássica. Se tivesse estudado, não imagino que profissão gostaria de ter tido, mas sei que não gostava de ser comerciante.

Todos nascemos com muitos dons, são como sementes. Até hoje, não descobri os dons secretos do meu pai.

Minha mãe estudou. Terminou o ensino médio e estudou datilografia. Trabalhava num escritório, quando conheceu meu pai. Mas o seu talento era desenhar roupas. Confeccionava roupas e, mais tarde, pôde ter a sua própria loja de vestidos lindíssimos. Desenhar roupas era o que a fazia feliz.

Na minha casa, meus pais, que tiveram que sair do seu país para não morrer, nos ensinaram que quando se precisa ir embora, às vezes, não dá para levar nenhum bem material. Não dá para levar a casa, os móveis, a bicicleta. Mas o conhecimento sempre se pode levar. Em nossa mente, cabem milhões de conhecimentos, cabem muitas línguas, muitos sonhos, muitos lugares. Nossa mente é como uma biblioteca maravilhosa, sempre em expansão. Nossa mente é feito cosmos.

Então, a nossa mala de viajante deve ser a nossa mente, onde vamos guardando tudo o que aprendemos e vivemos e criamos.

E onde nasce o amor? Eu sempre quis saber. Nasce em nossa mente ou em nossos corações? Quem sabe, quando respiramos pela primeira vez, nessa onda de ar, o amor entra em nossos pulmões para sempre? Quem ama maltrata? Bate, machuca, mata? Claro que não. Então, deveríamos aprender o amor, como se aprende matemática ou como se aprende história. Porque, às vezes, o amor se esquece, fica escondido dentro da pessoa, adormecido, e a pessoa nem pensa em como pode ferir a outra, ferir os seus sentimentos.

Há várias maneiras de machucar a outra pessoa. Machucar com palavras é terrível. A pessoa vai se encolhendo e um dia pode até desaparecer.

Quando era criança, meus pais me trocaram de colégio. Entrei no quarto ano, numa turma que já estava junta desde o primeiro. Não fui aceita.

Zombavam de mim, riam um riso ruim, de maldade. Tudo o que eu fazia era errado, até a professora me perseguia.

Aquelas pessoas não sabiam amar. Quem ama não machuca. Aprendiam matemática, português, história, mas não aprendiam amor.

Troquei de escola, mas fiquei marcada, não fisicamente, mas, com certeza, é uma das cicatrizes da minha alma.

Acho que foi então que comecei a escrever. Descobri que, escrevendo para mim mesma, o sofrimento passava. Fiz um Diário, onde contava o que me acontecia e, sem saber, ali, entre as palavras, escrevendo ou lendo, fui construindo a minha verdadeira casa.

Poucos anos depois de começar a escrever o meu diário, ganhei o livro O Diário de Anne Frank. Eu me apaixonei por essa menina, que tinha a minha idade, que viveu num outro tempo. Anne queria ser escritora e morava na Holanda, embora fosse alemã. Quando chegou a Guerra, Anne se escondeu com seus pais e outra família num anexo que havia atrás da fábrica de seu pai, para que não fossem presos e transportados. Logo, outra família também se escondeu com eles, além de um dentista. Era um espaço pequeno para tanta gente, e, durante o dia, não podiam fazer barulho. Holandeses de bom coração traziam comida, remédios, jornais e livros. Anne nos conta tudo em seus mínimos detalhes, quase dia por dia. Quando a Guerra já estava quase acabando, foram descobertos, presos e embarcados num trem que os levou para lugares horríveis, onde apenas o pai de Anne se salvava. Quando acabou a Guerra, o pai de Anne voltou, e uma das pessoas que os ajudavam havia encontrado o Diário, ele foi publicado, e o mundo inteiro pôde conhecer aquela menina maravilhosa que foi embarcada num trem de gado rumo ao horror, apenas por ser judia.



Mas os trens foram inventados para transportar pessoas de uma maneira mais rápida do que viajando a pé ou a cavalo ou de carroça e foi uma das invenções mais maravilhosas, pois lugares perdidos e remotos, com suas casinhas e pessoas, podiam ser encontrados, e parentes distantes podiam se ver, e também amigos que estavam separados.

Nesses lugares escondidos, a chegada de um trem era sempre uma festa, e, com certeza, se houvesse uma estação de trem perto da minha casa, quando era criança, iria todos os dias para ver as partidas e chegadas.

(Mas, algumas vezes, fui ao porto com o meu pai para me despedir ou receber pessoas, embora prefira infinitamente os trens aos navios. Na minha infância, as pessoas ainda viajavam de navio para ir do Brasil a outros países, os navios eram um meio de transporte e não um Cruzeiro turístico).

Eu inventava viagens imaginárias e, quando estava triste, logo, em pensamento, arrumava as minhas malas e embarcava num trem imaginário.

Quando cresci, me tornei adulta, comecei a escrever poemas para os meus filhos e a publicar livros. Então, foi como se meus livros virassem trens, e eles me levaram a muitos lugares, pois as pessoas gostavam dos meus livros e me chamavam para ir até escolas muito distantes. Viajei muito, de carro, ônibus, avião, já que o Brasil não possui trens para passageiros de uma cidade a outra, para minha grande infelicidade.

Então, vocês podem imaginar a minha alegria, quando, uma noite, tocou o telefone, e uma voz lá do outro lado da linha me encomendou um livro, e era um livro sobre um trem! Um livro sobre a Maria Fumaça, esse é o nome lindo dos trens de muito antigamente que eram movidos a carvão.



O nome do meu livro ficou muito bom: Maria Fumaça Cheia de Graça.

Os desenhos do livro foram feitos por um homem que sabe bordar e eram de tecidos e bordados.

Agora, posso chegar quase ao ponto central da minha história, de como um livro de trem salvou um menino e, assim, posso desembarcar desta história e quem sabe começar outra.

Um dia, fui convidada junto com o ilustrador para fazer uma brincadeira com esse livro no Museu do Trem, na cidade do Rio de Janeiro. No final da atividade, cada criança convidada ganharia um livro com o seu nome e a nossa assinatura.

O ilustrador abriu no chão um pano enorme, onde havia desenhado cidades e trens. As crianças ganharam agulha e linha de bordar, foram separadas em grupo e aprenderam ali mesmo a bordar. De vez em quando, se desentendiam, mas, na maior parte do tempo, se entendiam, e o pano ficou lindo, todo colorido.

Muitos anos se passaram. E um dia, recebo outro telefonema, dessa vez, de uma amiga que também era escritora e trabalhava com livros. Ela me contou que havia ido a um abrigo de crianças que não tinham pais ou estavam separadas dos pais, ou moravam na rua e foram levadas para o abrigo.

Ela mostrou muitos livros e falou de outros escritores e disse meu nome.

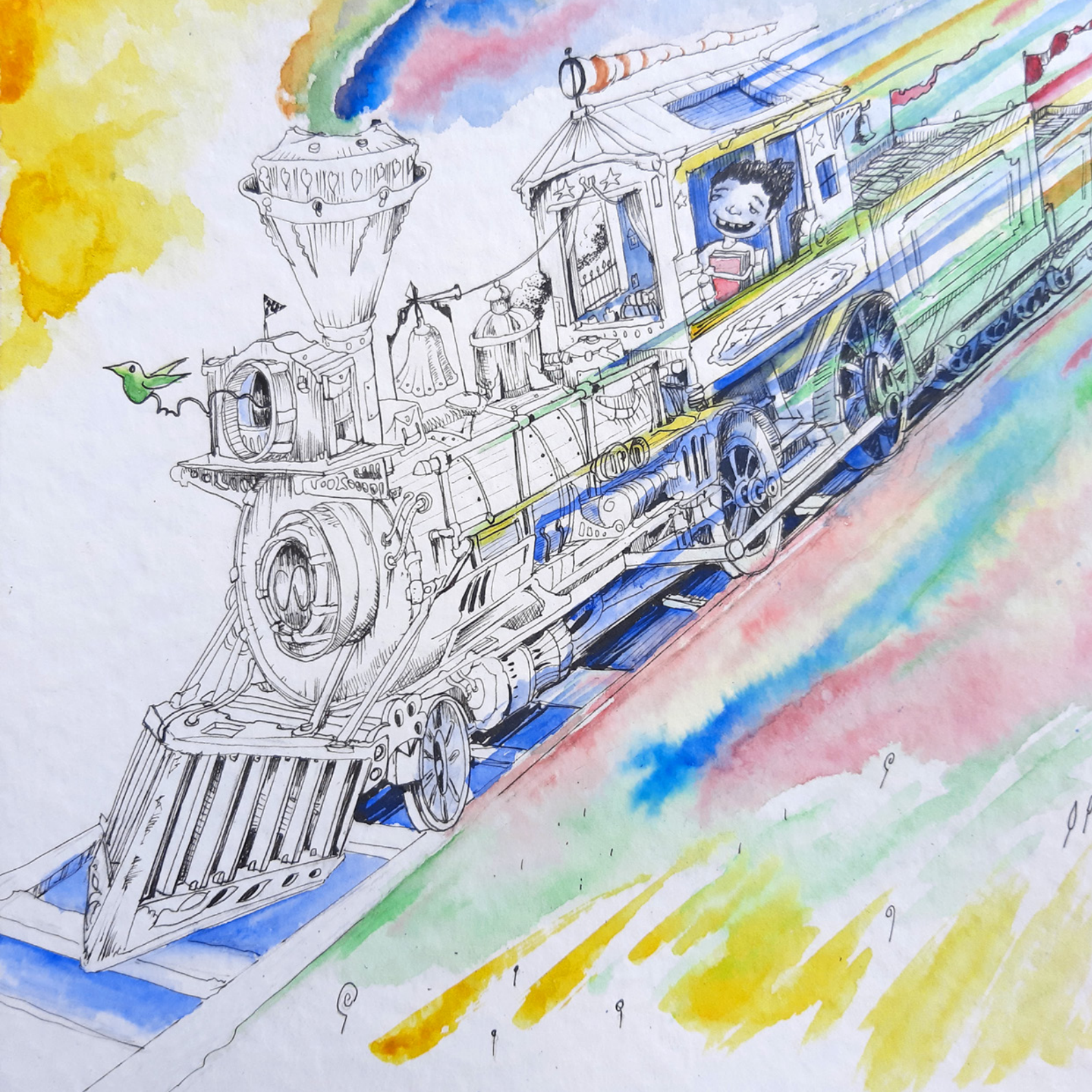
Quando pronunciou meu nome, um menino de uns nove anos, bem magrinho e de olhos vivos, falou muito emocionado que me conhecia e era meu amigo. Ela perguntou:

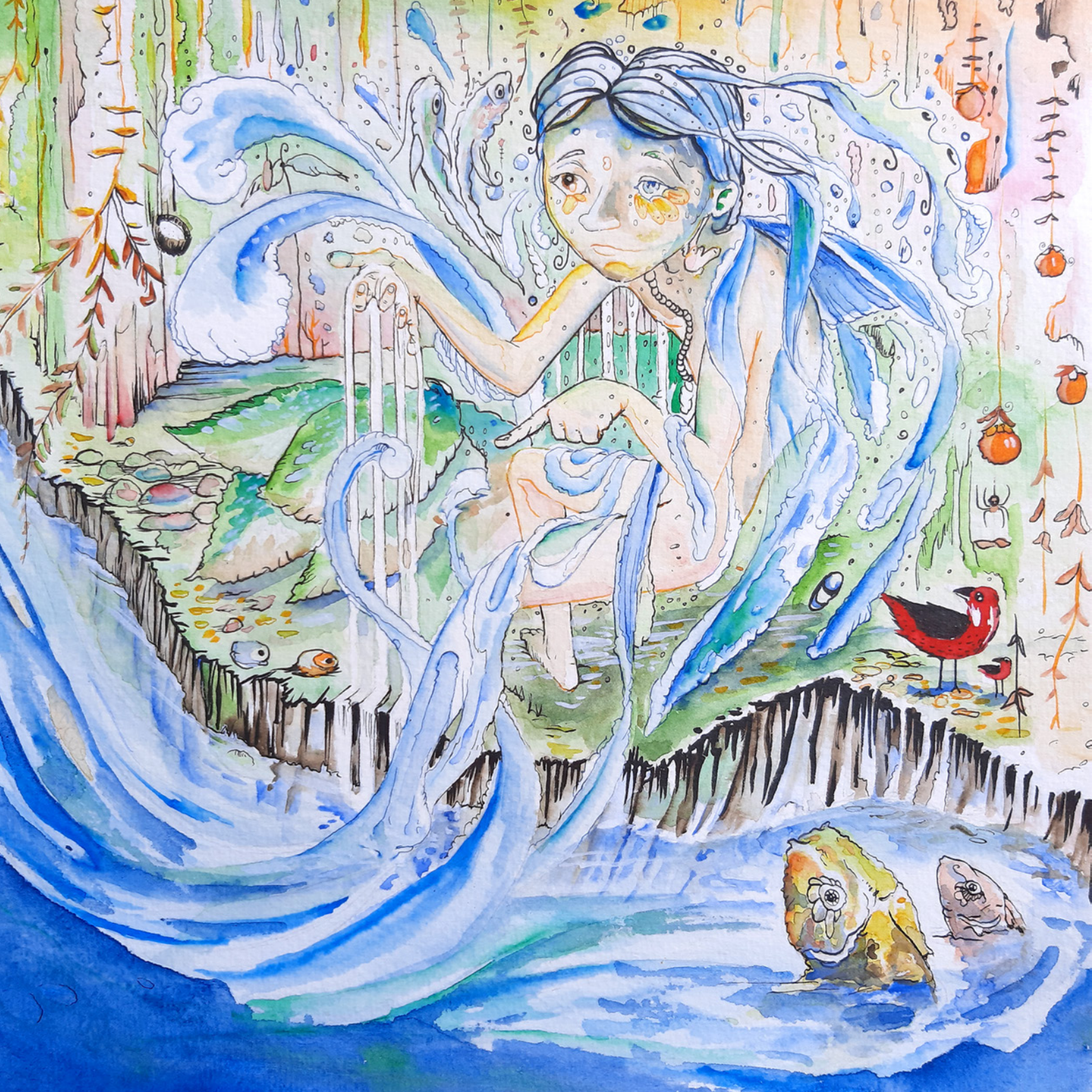
- É verdade? Você é amigo dela? E ele respondeu que sim, era meu amigo, me conhecia, até havia ganhado um livro de trem. No livro, eu até havia escrito “Para o Felipe, com carinho”. Ele havia me encontrado num lugar cheio de trens. E foi correndo até o dormitório buscar o seu livro.

Enquanto foi buscar o livro, contaram para a minha amiga que ele havia chegado ao abrigo muito assustado. Ele morava na rua, e a polícia chegara enquanto estava dormindo e batia e gritava e ameaçava, e ele fugiu apavorado com o seu livro que levava sempre junto ao corpo, pois o amava e dormia com ele, pois tinha seu nome escrito e estava sempre, todos os dias, viajando naquele trem... E foi assim que chegou ao abrigo, apenas com a roupa do corpo e um trem.

Viajando para onde? Certamente, Felipe viajava no trem para algum lugar maravilhoso, onde nenhuma criança precisa dormir na rua, onde há sempre muito amor e uma casa com cheiro bom de comida. E de vez em quando, o trem voa e vai até a lua e, de lá de longe, ele pode ver a Terra com as suas belezas e, na Terra, todos os humanos falam a língua universal da delicadeza e ninguém machuca ninguém.







# Peixe Menino Peixe

**Fernando Arosa**

Esta história começou quando Naíra percebeu que o sol, entre as folhas daquela imensa árvore, mudava a cor dos cabelos do menino que vinha molhar os pés no rio.

Naíra era uma menina quando tudo aconteceu. E tudo aconteceu à beira do Rio, ou próximo dele, uma água que passa sem parar, misteriosa.

Naíra conhecia o sol desde sempre, o sempre dela era rápido demais; mudara-se muitas vezes, acompanhando a família nessas andanças da construção do progresso.

Seu pai foi pouco à escola, trabalhava levantando prédios, um aqui e outro acolá. No final, achava-os bonitos, mas era só isso... e partia para outro e outro. Entrava e saía dos canteiros de obra, carregando pesos de muitas gerações, sua família repetia essa história havia décadas. Naíra é filha de Magda e Nazário, além de ser neta, bisneta, sobrinha e prima de um monte de gente que formava essa família numerosa.

- Eita menina curiosa! - diziam Magda e Nazário. Eram muitas perguntas, todos os dias uma perguntação atrás da outra.

- Naíra, cuidado com tanta curiosidade!!! Promete pra mim que vai fazer essa quantidade toda de perguntas só aqui em casa, tá! Promete? - disse Magda em tom de preocupação.

- Calma, mãe. Prometo. Mas por que isso? Só quero saber se tem outras pessoas morando depois daquelas montanhas lá longe.

Ali onde viviam não se sabia de muita coisa de outros lugares. Era um tempo de segredos, vamos chamar assim, escondia-se a origem dos rios que vinham de fora e por ali passavam. Só se conhecia o trecho que começava na fronteira oeste e saía na fronteira leste. As águas que rolavam faziam seus barulhos, traziam seus peixes que nadavam livres e diziam coisas indecifráveis, não se conhecia outra língua, só se falava uma, aquela que decifrava o que se podia dizer e somente isso.

Nas margens dos rios, e por todo lugar, só se ouvia o falar oficial, aqueles ensinados nas escolas. As escolas ensinavam a ler a vida de um jeitinho só. Nem todos podiam ir ali, e os que iam obedeciam e repetiam tudo o que aprendiam, fosse falando, fosse fazendo, e assim a vida corria como o rio, calada e incerta.

Mas Naíra costumava rir disso tudo, ria porque achava meio sem sentido. Gostava de correr pela margem do Rio que Passa (assim o chamam com simplicidade), buscando emoções, não entendia muitas coisas que o mundo lhe apresentava e desafiava, e o que tem de errado em querer saber?

O menino que ia molhar os pés no Rio que Passa todos os dias se chama Isaac, eles se conheceram na escola, mas pouco se falavam. Começaram a



firmar a amizade depois de uma semana inteira se olhando e balançando a cabeça timidamente, na beira do rio. Se falaram além dos gestos num dia engraçado, a palavra escolhida não foi apenas uma, disseram ao mesmo tempo uma frase que os impressionou muito, “adoro esse rio”. Riram juntos e, naquele momento, sentiram que houve uma alegria nas águas, uma onda se formou e roçou a margem.

- Isaac, você já foi lá depois da montanha?

- Claro que não, Naíra. Tá doida? - e riu sem dar muita importância.

- Você sabia que da escola até aqui damos 1827 passos?

- Jura? Mas você sempre conta os passos que dá? - perguntou iniciando uma sequência gostosa de risos.

Degraus, notas e letras, tempo... tudo botava valor de número, contava estrelas, mas se perdia sempre. Contou para Naíra que adorava o rio, porque refrescava a cabeça, um mergulho por dia, após 1827 passos, era disso que precisava depois das aulas.

Passaram a ir juntos ao rio, todos os dias, um caminho mais longo da escola para casa que faziam um pouco pela desobediência, outro pouco pela meninice, mais outro pouco porque era bonito demais poder andar à beira de um rio todos os dias. Tinha dia que seguiam calados, outros, falantes, um alívio ao silêncio imposto pela situação que viviam.

Um dia, como outro qualquer, o sinal tocou, avisando que por aquele dia a escola terminara, sinal de respirar e falar coisas sussurrantes, bem baixinho pra ninguém ouvir. E nada melhor que ir com seu amigo ou sua

amiga para um lugar em que as companhias são árvores, água, peixes, aves, formigas, folhas voadoras...Então, já que o dia estava quente e ensolarado e a vida, aquecida, Naíra e Isaac combinaram molhar os pés, quem sabe um banho de corpo inteiro no Rio que Passa.

- Vamos, Naíra, o calor vai nos derreter.

- Já estou indo, Isaac, vamos sem pressa, vamos de sombra em sombra, vamos sem pressa.

Nada de alguém! Os outros meninos e meninas foram para casa direto. O sol, companheiro daquele trajeto, gritava seu calor. A margem do Rio que Passa parecia ajeitar-se para os receber. Sentaram-se. Primeiro, molharam os pés, “que delícia de água” – falaram quase em coro. Ficaram por ali, sendo um pouco, sem palavras, somente respiração, poucos gestos, uma composição natural. Como todos somos.

Dentro deles, algumas perguntas sem forma eram ainda uma entonação, uma intuição, uma cor. As perguntas são assim: uma revolução dentro da gente. Inexplicáveis, muitas vezes, aparecem em formas de água, ou som, ou cor, ou olhar.

Resolveram, sem precisar falar, bater as pernas e revolver a água do fundo alcançado. Buscaram, o quanto podiam, trazer com os pés o máximo de água pra fora, agora, acompanhados pelo som do sorriso; depois da segunda jorrada, gargalhadas cobriram o lugar e podia-se ouvir os aplausos do companheiro sol.

O rio só é rio se tiver tudo isto junto: água, terra, cor, peixe, galhos, folhas, separadamente, serão água, terra, cor, peixe, galhos e folhas. Mas rio



é também música, sobrevivência, fertilidade, memória. Riacho é um pedaço disso tudo. O rio atravessa a vida de tudo que vive.

Naíra e Isaac se encontravam muitas vezes debaixo do grande guarda-sol feito de galhos e folhas, corpo frondoso e raiz conhecedora de muita vida, esperando algum tronco passar pelas águas incansáveis. Passavam, assim, vários dias. Isaac enumerou, naquele dia especial, as folhas que caíram da Árvore da Beira, assim a apelidaram. Foram 12. Pelo menos, no tempo até ali, riram distraidamente, mas ouviram:

“Hoje podia chover alegrias, não acha?”

- Oi? O que você disse? – perguntou Isaac.



- Eu não disse nada – respondeu Naíra.

- Então, você ouviu?

- Ouvi... uma pergunta sobre chuva de alegria, parecia uma outra fala, diferente da nossa, uma mistura, mas deu pra entender.

Ficaram espantadíssimos. Olharam em volta, não havia ninguém. Isaac e Naíra seguiram desconfiados, olhando por cima das árvores: nada.

Aquele nada tinha que ser preenchido por brincadeiras. Riscaram no chão a letra L; dela, tinha que sair palavras, riscadas no chão de terra. Entre uma palavra riscada, uma folha que caía, um mergulho, e no contar de Isaac, “já se passaram 125 minutos!!! Temos que ir”, os dois seguiram o caminho para casa, achando aquela pergunta um mistério. Quem tinha falado aquilo?

E a vida andava: escola, Rio que Passa, folhas caindo. Os dias trazendo a vontade de correr, mergulhar, olhar para o céu, pegar pedrinhas, juntar, fazer no chão desenhos com a mão, desenhar pássaros que voam alto, como se quisessem olhar acima do muro que vai do chão ao céu, afastando a cortina de ar.

E assim, as manhãs, as tardes e as noites se faziam.

As semanas, duas para ser exato, já acontecidas desde o dia da pergunta ouvida não saía da memória. Quem podia ter sido? De onde vinha aquela voz? A conversa seguia com os pés dentro d'água. Sentiram as águas se mexerem, viram um cardume, contaram 12 peixes. Ouviram:

“Você já abraçou o luar em noite de festa?”

O mistério de novo. Uma voz, que não se sabia de onde, lançou no ar essa pergunta. O que responder? Os amigos se entreolharam. No rosto, misturados o sorriso, a curiosidade, o enigma. Sabe lá de onde vem isso!

E continuaram na bateção dos pés na água, como tentativa de diálogo com aquele cardume que rondava.

- Olha, Isaac!

- O quê?

- Ali... voando!!! Saltando do rio...

- Sim, um jato pro alto, mas... não é peixe...

- É uma parte peixe sim, Naíra.
- Esses mergulhos me confundem.
- Continue a olhar... Vamos descobrir.
- Meu Deus!!!

No continuar da brincadeira, do fundo das águas, saltava, aos requebros, num rodopio respingante, um ser nunca visto, que se transformava no ar, balançando guelras, escamas se desprendendo, braços que surgiam: o Peixe-Menino. Ajeitava-se do corpo recém-descoberto, ainda falante da língua dos peixes, mas já esboçando nova sintaxe e perguntou:

- Já pensou quanto vale a sua vida?

Isaac e Naíra nunca imaginaram ouvir e ver tal coisa. Saíram aos correres, abandonando a questão e o Menino-Peixe que, de outros ajustes, teve de volta suas nadadeiras e guelras e escamas, voltou ao mergulho seguindo corredeira. Veio rapidinho, uma pergunta, uma surpresinha. Será que volta? Será a imaginação?

Isaac e Naíra conversaram longamente sobre o Menino-Peixe. Ficaram surpresos com a pergunta, a interrogação tomou vida e conta da vida deles. Era como se do rio tivesse saído um milagre, e milagres aconteciam naquele lugar, mas o Silêncio vinha sempre. A noite chegou naquele dia em que conheceram o Peixe-Menino. Aquele grande e infinito manto com pontos brilhantes se estendeu, escondendo algumas cores. Trouxe o ar fresco e o corpo que pede descanso.

Isaac se aprontou para dormir em sua casa de lata. Furos no teto permitiam que a luz da estrela piscasse direto em seus olhos. Contava quantas vezes ela aparecia e, assim, buscava esquecer as injustiças que viviam... e planejava seus sonhos: “Hoje, vou sonhar que cruzamos o lado oeste e lá teremos uma casa boa, com água e planos pro futuro”.

Na mesma vila de casas simples, construídas com sobras daqui e de acolá, também se deitou Naíra, plena de uma alegria natural, reforçada por aquele desvendar de outro mundo. Conhecia os sonhos há muito, os de hoje foram programados para virem livres: “Estou para o que der e vier, que venham sonhos alegres e livres, como estou me sentindo hoje”, disse para si mesma. E correu devagar, como uma nuvem lenta, formando imagens.

No dia seguinte, na escola, Naíra não se conteve:

- Professora, quanto a gente vale?

Sabe terremoto? Foi assim que essa pergunta pareceu... um terremoto, uma terra tremida.

A professora perguntou de volta.



- Naíra, você fez sua tarefa?

- Quanto, professora? – insistiu.

- Isso é pergunta que se faça?

Uma pergunta sem resposta, uma dúvida, um medo. Assim, voltaram para casa, naquele dia não tão certo. Enfeitados, estavam com coisas invisíveis

dali por diante, ficariam mais bonitos, perguntar é vestir-se de novas roupas.

Na escola, no dia seguinte, a professora chamou Naíra para uma conversinha:

- Naíra, você fica um pouquinho? Preciso falar com você.

Naíra e Isaac se olharam. Isaac fez sinal que ia esperar lá fora, aguardando para cumprirem o plano de molhar os pés em todos os dias de sol.

Fora da sala, Isaac olhou pelos murais do corredor desenhos de coisinhas do dia a dia, passou pelas salas de aula vazias. Já havia tocado o sinal de saída, os professores conversavam no corredor, e o pátio se enchia de crianças. Isaac foi para lá, esperar Naíra. No pátio gasto, um espaço adaptado para o futebol, esporte querido, muito admirado por aquelas redondezas. Ouviu lá do fundo: “Isaac, vamos gol a gol?”. A resposta já se sabia, “Claro que sim”. Sempre batiam uma bolinha enquanto não os mandassem ir para casa com a já decorada frase “Vambora, gente”.

- Naíra, você ontem me colocou numa situação muito difícil com aquela pergunta. Menina, tome cuidado com o que está ouvindo, lendo por aí. De onde veio aquela pergunta? – disse, preocupada.

- Do rio, Professora.

- Como assim, do rio? O rio agora faz pergunta? Na sua idade...

E continuou num discurso que Naíra não ouviu mais, só pensava em sair dali e contar para Isaac que a pergunta não podia ter sido feita, que não poderiam contar pra ninguém, pois a professora disse que era perigosa, nem

a professora sabia responder.

Naíra ficou com medo, e o medo não pode ser do tamanho ultra, mega... assim, ele não deixa pensar. O medo de cair do penhasco é do bem, o medo do não poder pensar não leva a lugar nenhum, mas ali não se sabe mesmo de lugar nenhum, então... ah, que tristeza não poder falar, perguntar. Mas, o que será que pode acontecer com quem pergunta tanto?

Lá fora, suado, Isaac viu Naíra saindo, fez sinal para ela esperar. Lá dentro, a professora se dirigiu à sala da direção:

- Olá, diretor Alberto, posso falar um pouquinho com o senhor?

Sr. Alberto fez sinal afirmativo, apontou a cadeira, enquanto fechava seu arquivo de pastas.

- Diga, professora, em que posso ajudar?

- Sr. Alberto, estou muito nervosa. Não sei nem por onde começar..

- Ora, comece pelo começo – deu um sorriso sem graça.

- É que... acho que vamos enfrentar problemas. Tenho uma aluna chamada Naíra, uma menina ótima, tranquila, mas me fez uma pergunta, de forma insistente...

E seguiu no relatório, apontando até gestos, numa minúcia de quem não quer levar a culpa de nada.

- Fique tranquila, amanhã mesmo já tomarei as devidas providências.

Esse tipo de pergunta só traz problemas, a gente sabe muito bem.

Isaac e Naíra seguiram em direção ao combinado. Ele, querendo saber de tudo, ela, num silêncio amedrontador. Pensativa, resolveu contar para ele o que tinha acontecido. Ainda estava sem entender, mas sentiu que algo estava errado, que fizeram coisa que não podia. Isaac perguntou: “Você sabe o quanto vale?” e saiu correndo, rindo.

Naíra resolveu esquecer o medo por uns instantes e saiu correndo também. Apostaram corrida até à margem do Rio que Passa. Esbaforidos, rindo alto, jogaram os cadernos pra debaixo da Árvore da Beira, sentaram-se na margem, puxaram água com as mãos para molhar rosto, cabelos, almas... sentiram que o cardume se aproximava, olharam um para o outro. Um “Será?” brotou dos olhos dos dois. Os doze peixes vieram num balé nunca visto. Um vento fresco, cheirando à flor, tomou conta. Um novo salto, agora bem alto, se deu. Novamente, era ele.

- Veja, Naíra, é ele de novo.

Dessa vez, não jogou palavra no ar. Aterrissou na terra, completamente menino, molhado e ajustando a fala, se apresentou.

- Tudo bem?

- Tudo bem... – disse Naíra, olhando para os lados, perguntando a si mesma se aquilo era verdade.

- Caramba, que legal! Você é um peixe? Um menino que nem eu? Um Peixe-Menino? Um Menino-Peixe? – inquietou-se Isaac.

- Sou do fundo dos rios, viro pedra, viro gente, viro menino pra falar com vocês. Sabia que tem muito rio por aí, pelo mundo afora?

- Mundo afora? Tem outros lugares além da montanha? – perguntou Isaac, já sabendo a resposta.

- Naíra, você ouviu isso? Tem outros lugares além daqui. – disse Isaac entusiasmado.

- Sim, por isso vim aqui, pra dizer a vocês muitas coisas. E aí, já sabem quanto valem?

Naíra se arrepiou toda. Isaac parecia estar noutra mundo mesmo. Ouvia sons vindos da água, perguntava tudo que podia. Ficaram ali uns 85 minutos, fez as contas depois e disse sorrindo. Menino-Peixe prometeu voltar. Despediu-se, desfez-se da forma humana, mergulhou, deixando para sempre na memória dos dois aquele dia do primeiro encontro.

Naíra e Isaac eram uma alegria sem explicação. Voltaram pelo caminho, detalhando a chegada, a conversa, queriam firmar na memória para saber, no dia seguinte, se seriam capazes de dizer um ao outro que tinha sido verdade. Que maravilhosa essa vida! Sentiram vontade de mergulhar para sempre e seguir a corrente pra saber onde iam parar. Um encanto.

Naíra chegou em casa e contou tudo para Magda que ouviu e, aos poucos, foi mostrando-se apavorada com tudo aquilo, sabia que não era invenção. Vestiu-se de coragem e foi até a casa de Saudade para alertar. Naíra não entendeu tanta preocupação.

- Mas, mãe, o que está acontecendo?



- Naíra, meu amor, tudo vai ficar bem, mas vocês precisam se proteger. Mais alguém sabe dessa história? – Seguiu perguntando e andando apressadamente.

- Mãe, por que tanta pressa? Minha professora Celina sabe alguma coisa... falei pra ela que tinha ouvido uma pergunta vinda do Rio, mas não falei nada do Menino-Peixe...

- Ah, não acredito!!! – disse Magda, aflita.

Seguiram as duas. No caminho, encontraram Isaac e Saudade. Saudade tinha feito o mesmo movimento de procurar Magda. Viram-se, abraçaram-se, e Isaac e Naíra, sem entender muito o que estava acontecendo e por acontecer, sentaram-se num canto, perto da Pedra Rosa.

- Pois é, Saudade, a Naíra me falou, e agora?

- Nunca pensei que fosse acontecer novamente. Essa história tinha sido enterrada. Meu pai foi preso e lá ficou até... – disse Saudade.

- Sim, pouco se sabe o que aconteceu com Samuel, que virou história sem explicação. Só se sabe que foi um homem e tanto, que quis perguntar sobre as injustiças e falar sobre os sofrimentos.

- Fale baixo, tem sempre alguém ouvindo. Perguntas que não podem ser feitas, gente presa sem defesa...

- Você está certa, mas as perguntas voltaram. Isaac disse que veio do Rio que Passa, que tem um Menino-Peixe que trouxe tudo isso de volta, estou apavorada!



Naíra e Isaac ouviram a conversa das duas mães, prometeram não mais voltar ao Rio que Passa, prometeram não falar mais com Menino-Peixe. Prometeram não perguntar mais nada sobre isso, era perigoso. Deram-se as mãos num ritual de proteção.

Saudade e Magda ficaram aliviadas. Saudade não queria que tudo se repetisse. Contou tudo a Mariano. Magda contou tudo a Nazário. As famílias seguiram atentas, fazendo do silêncio o remédio para tanta preocupação.

Que mistério era a prisão de Samuel! O diretor Alberto sabia da história, havia sido vizinho de Samuca quando criança. Alberto tratou logo de se proteger, não queria sofrer nada, o Presidente já havia conseguido o silêncio havia muitos anos. “Tenho que avisar logo a Guarda Nacional sobre o caso Naíra, não quero confusão para o meu lado” – disse em baixo e mau tom à professora.

Logo que o turno começou, Naíra foi chamada à sala do diretor. Dali, saiu com uma advertência carimbada, foi encaminhada para casa e suspensa de assistir às aulas, somente poderia voltar com a presença dos pais. Aquela menina que ria dessas proibições, porque não entendia o motivo, teve seu dia invadido por uma delas: “Sua pergunta trouxe constrangimento e criou pensamentos provocatórios”, assim dizia o documento assinado, carimbado e registrado no papel específico vindo do Ministério das Perguntas Inquietantes.

No dia seguinte à suspensão, Magda e Nazário foram à escola para cumprir o protocolo. Chegaram lá um pouco antes de a aula começar. A professora logo que viu, desviou o olhar e se dirigiu à sala da direção. Por lá ficou alguns minutos e saiu com um texto decoradinho:

- Bom dia, tudo bem? - perguntou por perguntar - Bem, entrego a vocês

este envelope, é uma intimação. Naíra não poderá mais frequentar esta escola. Vocês devem se dirigir ao Centro Administrativo para uma conversa no setor de Investigação.

Magda e Nazário, perplexos, ouviram as instruções enquanto Naíra chorava silenciosamente, suas lágrimas desciam pesadas, os colegas de turma passando no corredor sem entender nada... Isaac chegou correndo atrasado, suado como sempre de tanto correr, viu a cena e parou corajosamente, aquela coragem de quem não sabe a força dos carimbos e documentos oficiais.

- Naíra, o que está acontecendo?

- Entre, Isaac, está pra lá de atrasado - interferiu a Professora.

Magda e Nazário ficaram inconformados, não acreditavam que passariam tanta tristeza por terem uma filha proibida de ir à escola por apenas perguntar. Mas também... pra que tanta pergunta, meu Deus? pensava Nazário. Naíra ficou chorando em casa, sem saber o que fazer. Alguns dias correram e daquela intimação, após serem entrevistados por horas, Magda e Nazário trouxeram para casa a instrução de aguardar uma nova vaga em outra escola, chegaria o aviso por mensagem oficial. “Isso não pode ficar assim”, disse Magda. “Um absurdo”, concordou Nazário. “Alguma coisa temos que fazer.”

E assim, seguiram os dias, muitos dias fazendo semanas. Peixe-Menino enviava perguntas pelos sonhos. Dizia que do Rio, onde ele habitava livre, correndo de uma margem à outra, de um lugar a outro, podia ver saindo das casas os sonhos durante a noite. Via sonhos dos mais variados, muitos feitos de inocência, amor, liberdade.

“Por que o céu não podia ter sido feito de várias cores, uma pra cada dia?” ou “Você já pensou em conhecer outros mundos?” ou ainda “Será que um dia todos serão felizes?”.

Enquanto a vida corria presa desse lado, um pouco acima da curva do Rio vivia o Presidente e sua família, em um verdadeiro Palácio com muitos quartos, salas, salas e mais salas. Lá morava Janaína, única filha da família. Frequentava a escola dos mais ricos, tinha tudo que queria, mas não podia sair por aí experimentando o lugar.

Naíra e Isaac ficaram um tempo cumprindo a promessa de não ir ao Rio, mas numa fugidinha, voltaram à Árvore da Beira, sentaram-se perto do tronco principal e esperaram. Isaac contou segundos e viu, sem dúvida, o Menino-Peixe de volta.

No mesmo instante, sem saberem da existência uns dos outros, Janaína se sentiu chamada a um mergulho. Saiu de fininho do palácio, foi à margem e saltou... viu-se levada por um cardume barulhento e carinhoso. Deixou-se levar, boiando com um sorriso virado para o céu, experimentando o frescor, o movimento.

Naíra e Isaac avistaram aquele movimento vindo em sua direção. Menino-Peixe, já sabedor daquela função, disse-lhes que a história daquele lugar não seria mais a mesma.

Janaína ao ver Naíra, Isaac e o Menino-Peixe, nadou em direção a eles, içada por um sentimento que ainda descobriria, algo que unia todos eles, uma espécie de pergunta que fazia valer a vida.

- Meu nome é Naíra. De onde você vem? Você mora depois da curva?

- Um pouco mais acima, muito mais acima... vim do palácio.

- Do palácio? – perguntou curioso Isaac.

- Sim, meu nome é...

- Janaína – repetiram Isaac, Naíra e Menino-Peixe.



Todos riram.

- Sim, sou a filha do Presidente. Não podia estar aqui, mergulhei por sentir que tinha que fazer isso, mas sem entender muito por quê.

Menino-Peixe lhes contou várias histórias daquele pedaço de mundo, fez várias perguntas a eles e marcaram um outro encontro.

Janaína foi levada de volta pelo cardume, Menino-Peixe voltou a ser Peixe-Menino e confirmou para dali a uma semana nova conversa. E assim foi feito. Lua e Sol, dando-se as mãos, acompanharam lá do alto. O sol e a lua viram seguir os dias, ora com nuvens de dia, ora com ventos fortes durante a noite. E o tempo deslizava, corridinho. O tal dia combinado chegou.

O Menino-Peixe lhes trouxe do passado a história de um maravilhoso tesouro enterrado perto das curvas lá do alto, de onde vinham pequenas espumas feitas pelos movimentos dos pés da menina que habitava o Palácio do Presidente. Dessa história, sabem os peixes e poucos homens daquele país. Na verdade, o Menino-Peixe acabara de denunciar o amor aos livros, às histórias das pessoas... Um amor que Naíra, Isaac e outros não conheciam; não sabiam que o amor tinha outras formas. O amor também ganhava a forma de liberdade. Samuel havia perdido a vida por ter encontrado o tesouro, uma

biblioteca de surpresas, livros de aventuras que alimentavam sonhos, livros da antiga forma de vida daquele pedaço de mundo.

- Como assim, livros escondidos? – perguntou Isaac.

- O avô de Isaac foi preso, morto, por ter encontrado o tesouro? – disse.

Naíra indignada, com uma força na voz que se podia ouvir em todo o planeta disse: - Temos que fazer alguma coisa!

- Esse tesouro está dentro do palácio. – Denunciou o Menino-Peixe.

- Na minha casa? – Janaína perguntou meio que adivinhando a resposta.  
– Talvez, eu precise de vocês para conhecer o meu próprio lugar. Vamos até lá, agora!

Investidos de muita coragem, foram Isaac, Janaina e Menino-Peixe para achar o tesouro. Subiram em direção ao palácio.

Nessa hora, Saudade viu toda a cena sem estar próxima, sentiu o perigo, correu em direção ao Rio, mas não estavam mais lá... Nervosa, foi atrás de Magda.

- Magda, tenho certeza de que as crianças estão correndo perigo...

- O que houve? – entrou no desespero.

- Senti que estão se metendo em alguma enrascada, Isaac não chegou ainda em casa, fui à Árvore da Beira e não estão lá... senti um aperto no peito!!!!

Coisas de mãe. Seguiram as duas para procurar os aventureiros. Voltaram à margem, respiraram embaixo da Árvore. Ouviram uma voz: “Palácio”. Olharam-se e, com muita força e medo, seguiram.

Tarde demais. Não sabiam, mas já estavam há semanas sendo investigadas. Alberto já tinha feito a denúncia, só não sabia que Janaína estava também naquele enrolado enredo.

Janaína, animada por ver aquela história ser real, entrou em casa com os amigos. O segurança estranhou aqueles meninos dentro do palácio, foi um alvoroço. Janaína com os amigos entraram na ala fechada do palácio dizendo:

- Deve ser por aqui, venham... nunca entrei... nossa, que grande esse corredor!!! - disse espantada.

- Janaína, estamos correndo risco... - ponderou Naíra.

- Não estamos não, eu moro aqui. Por que não poderia entrar?

Do alto da escadaria que levava ao corredor, uma voz:

- Prendam todos!!! - disse o Presidente.

- Todos? Perguntou um guarda, surpreso.

- Sim, eu disse todos, não importa quem está ali. Isso é uma invasão, um risco à segurança!

- Mas, Presidente, sua filha Janaína está com eles.

- Não quero saber...



Do lado de fora do Palácio, a multidão, que fora reunida por Nazário em voz de “Vamos todos, isso não pode ficar assim”, se reunia espantada e cansada de tanto desmando. O céu lá fora escureceu, uma tempestade se formou, o Rio que Passa num movimento de enchente começou a subir até a margem. Lá dentro os Guardas Nacionais de pé, solenes, encaminhando Isaac, Naíra, Janaina e Menino-Peixe à prisão especial. O Presidente, sério, dizendo cumprir a lei. Saudade e Magda, já abraçadas, choravam memórias e incertezas. O que vai acontecer com essas crianças?

A algazarra acabou trazendo Nazário e Mariano. Juntos, pediam explicações, esclarecimentos. A tempestade entrava com força como um sinal de que Naíra, Isaac, Janaína e Menino-Peixe estavam revivendo injustiça, uma liberdade perdida, nenhuma resposta, nenhuma pergunta. E numa precisão mesquinha, o silêncio fixava-se em toda a vila.

Na Sala das Perguntas Investigativas, Naíra, Isaac e Menino-Peixe, indefesos, esperavam.

- Quem é você, menino? Nunca te vi por aqui – perguntou o delegado ao Menino-Peixe.

- Moro perto do Rio que Passa – disfarçou.

- Por que estamos aqui? – perguntou Naíra, com uma força que ela mesma desconhecia.

- O que fizemos? Por que fomos presos? Onde está Janaína? – Isaac, tomado por coragem indagava.



- Quem faz perguntas aqui sou eu! Podem ficar em silêncio. Vocês quiseram acabar com a ordem, fizeram perguntas que não eram feitas há anos. De onde estão vindo essas ideias? Quem está incentivando vocês a desobedecer às ordens, as minhas regras? Quero saber tudo!

Nesse momento, Menino-Peixe disse o que havia acontecido, os outros não tinham feito nada de errado, eram perguntas e sonhos que ele havia trazido, que toda a culpa era dele.

- Mas qual é o seu nome? De onde você veio? - o delegado fez o interrogatório prosseguir.

- Venho do Rio que Passa! Sou um ser livre, o mais livre de todos. Tornei-me menino para fazer amigos e trazer novidades.

O delegado, se sentindo confuso, se lembrou da história de Samuel, que trouxera à tona questões parecidas, ameaçadoras. Samuca tinha sido punido por isso, fazia parte da história escondida daquele lugar. Os livros que havia consultado, lido com interesse, os tinham levado ao silêncio aterrador, um silêncio forçado. Aquela história não poderia seguir adiante. Em breve, eles estariam proclamando a tal liberdade contra as regras que chamariam injustas e ousariam pensar suas vidinhas pequenas com algum valor e não aceitariam menos. Por isso, Samuel fora preso. A história se repetia.

As crianças ficaram ali sem palavras. O desespero das famílias se tornou oração. E muita confusão, gritos de ordem, um risco para todos ali. À beira do rio, reuniam-se para buscar uma esperança, quem sabe uma voz...

Janaína na sala ao lado, sozinha, chorava, gritava. O pai-presidente, sem querer saber, não sabia pensar diferente, sequer quis ouvir. Lá fora, a

revolta se armara junto com uma chuva sem igual. Mas o povo foi para a porta do palácio e com voz de união pedia a libertação das crianças. Janaína queria saber por que tanto mistério naquele corredor, chamava pelo pai e nada. O Rio que Passa passou da margem em busca de seu Menino-Peixe. O tempo fechou, as pessoas abriram os portões do Palácio. O Presidente ordenou que a Guarda Nacional prendesse todo mundo. O Presidente ordenou aos berros que a Guarda Nacional prendesse todo mundo que o questionasse, inclusive os filhos e as filhas dos soldados, mas o impasse já tinha passado dos limites, a obediência tinha sido quebrada e, logo em seguida, poucos oscilavam cumprir os mandos e desmandos daquela voz tirana.

As crianças presas agora pediam, aos gritos, que soltassem o Menino-Peixe que dava sinais de que precisava voltar ao Rio, suas forças foram acabando, sua voz diminuindo.

O Presidente estava sem saída. Arrastou sua filha pelo braço com força, abriu a sala secreta e se trancou lá dentro com a menina aos prantos. Protegido das vozes que clamavam por justiça nos corredores de seu Palácio, o Presidente tampou os ouvidos e pela última vez escutou a palavra liberdade.

Do lado de fora, toda a população acompanhou a ida de Menino-Peixe, sem forças, levado pelos amigos até a beira do rio para que ele voltasse para os braços da vida que corria por dentro dele. Num último fôlego, o ser encantado retornou em reviravolta fenomenal.

– Ele está vivo! Ele está vivo! – ecoaram as vozes.

Quando arrombaram a porta da sala secreta, encontraram apenas Janaína, encharcada de lágrimas, ao seu redor uma poça imensa como se tivesse acabado de sair de um rio. Na poltrona do Presidente, um livro

aberto mostrava o curso das águas correndo para além das matas fechadas, carregando o céu coberto pelas nuvens da incerteza.

– Ele foi levado pelo povo do rio. – disse alguém.

Mas ninguém saberia ao certo o que se passou entre a menina e aquela sala cheia de livros prontos para serem redescobertos. Ninguém saberia dizer o que aconteceu quando o homem, destituído de sua máscara de poder, chorou um rio aos pés de sua filha, Janaína, filha das águas. Cantigas cantariam, anos mais tarde, a lenda de um tirano que foi levado para dentro das páginas de um livro, quem sabe para renascer em histórias de perdão.

Janaína se despediu do pai fechando o livro com cuidado, sussurrando baixinho com os lábios quase colados à capa: aprenda a ser peixe, meu pai, aprenda a ser menino.

Houve uma semana de festa. Todos comemoravam a nova fase, comemoravam a vida dos meninos e meninas que poderiam buscar seus sonhos. Praças foram refeitas, conversas públicas decidiam o que fazer, como fazer, nem sempre com tudo de acordo, e todos eram ouvidos.

O Rio que Passa continuaria passando, com sol, lua, chuva, ventos, pedras, meninos e meninas mergulhando em suas águas e rumando novos horizontes. O povo daquele lugar reverenciava a natureza do rio e seus arredores, lembravam com o passar dos dias, e das páginas dos livros, os poemas, as cantigas, os contos mais secretos, e para outras gerações lembrariam a vinda do Menino-Peixe.

Volta e meia, em algum lugar do mundo, crianças sonham com o rio e são lembradas da água que compõe suas vidas. As fronteiras foram diluídas para sempre na imaginação.

Neste exato momento, o mar adoça seu sal com as águas dos rios que passam pelos lugares mais distantes, unindo os povos em um único pensamento. Liberdade.







# Quatro em contraluz

**Antônio Schimeneck**

**Para Rita Schimeneck  
e seu certo senso de justiça**

“nas tranças apertadas  
de minha mãe  
carinho, zelo, ancestralidade”

Lilian Rocha

“Houve um dia aqui  
uma praça, uma rua, uma esquina, um  
país”

Gonzaguinha

## **A tarefa**

Quinze para meio-dia.

O sinal ecoou pelo pátio, assustando o bando de tico-ticos catadores dos restos de lanche perdidos durante o recreio, pela biblioteca ao lado do portão de entrada, pela administração escolar, e desceu a escadaria em direção às salas de aula. As portas se abriram suavemente, dando passagem a estudantes irrequietos, que invadiram o silêncio dos corredores.

Inaê, indignada com a pressa dos colegas, lentamente pôs as canetas no estojo, fechou o caderno e acomodou tudo na mochila, cada gesto seguido de leve balançar de cabeça. Além disso, levantava o canto esquerdo da boca, sinal evidente de contrariedade. Para ajudar, mirava de relance a lousa com a letra miúda de Morgana, a professora de história. Palavras arredondadas e inofensivas propondo mais um trabalho. A grande ameaça, porém, era o arremate do enunciado em caixa alta: USEM A CRIATIVIDADE PARA A APRESENTAÇÃO.

Izabel, José e Paulo há muito já tinham colocado as respectivas mochilas nas costas. Paulo não perdia a oportunidade de provocar:

- Vamos, madame, ou vai esperar o pessoal do turno da tarde?

- Não aguento esse povo, parece que nunca foram pra casa... - disse Inaê, terminando de correr o fecho da mochila e se levantando pacientemente.

Nem tinham chegado à esquina, começaram a confabular sobre a atividade:

- A Morgana não dá folga mesmo. Não deixa nem a gente respirar. Mal entregamos uma tarefa e já vem com outra... - provocou Inaê.

José, chutando uma bola imaginária e tendo a sarjeta como campo de futebol, ajudou na reclamação:

- Queria saber quem inventou o tema de casa. A escola deveria existir só do portão para dentro. Saiu de lá, é outra história.

Izabel, adoçando a voz, avisou do equívoco de José, afinal, qual sentido



teria a escola se não o de preparar para a vida fora dela?

- Lá vem a Santa Certinha da Glória Divina - provocou Paulo, beliscando a amiga e saltando de lado para fugir da revanche. Parou logo adiante, fez pose de goleiro e defendeu a bola imaginária chutada por José, que correu pela calçada de braços abertos, comemorando o gol.

Inaê não pôde deixar de rir dos dois. Quem a visse não saberia que, por dentro, na verdade, estava bem preocupada com a proposta da professora. Era sempre assim. Quando aparecia um desafio pela frente, não conseguia parar de matutar até descobrir um jeito de vencê-lo. Só uma coisa a fazia praticamente esquecer do mundo: o celular de câmera com trilhões de megapixels que a mãe lhe dera no último aniversário. Tudo virava motivo para selfie, registro e pose. Por isso, distanciou-se dos colegas com a atenção voltada ao enorme flamboyant carregado de cachos floridos num terreno baldio. Sacou o aparelho, esperou o vento bater nos galhos e fotografou a chuva de pétalas cobrindo o chão de um tapete vermelho.

- Meu Santo Expedito das Causas Dolorosas, vamos, Inaê?!

- Dá um tempo, Paulo. Me deixa eternizar este momento.

- Sim, eternizar até dar de cara no chão e quebrar o celular em mil pedaços e não ter salvado uma imagem ...

- Vira essa boca pra lá.

E rumaram para casa, pois os respectivos estômagos já davam sinais de protesto.



## **A desconhecida**

Inaê comeu pela boca, pelos olhos e pelos cotovelos. A mãe tentou colocar um pouco de ordem no desespero. A todo momento avisava:

- Come devagar. Pra que tanta pressa? Mastiga...
- Hoje vamos planejar o trabalho de história.
- Até parece... Todas as tardes, vocês se enfurnam naquele coreto e ficam lá até a gente fazer um escarcéu de tanto chamar.
- Hoje é sobre algo bem importante.
- Pois a senhorita não se preocupe, a praça não vai desaparecer e se materializar em outro lugar. Mastiga.

Às duas da tarde, Inaê atravessou o salão de beleza, instalado na sala da frente de casa. As clientes da mãe prestavam atenção à nova coleção da famosa estilista Bia Vaz. Na tela do televisor, uma modelo desfilava um vestido aparentemente todo preto, mas, conforme caminhava, faixas de flores coloridas apareciam e desapareciam por debaixo do tecido.

- Está na hora de retocar essas tranças, dona Inaê.
- Certo, mãe, mas agora tô atrasada.

Antes de fechar o portão da casa branca de janelas azuis onde morava, olhou a placa encimando a porta de entrada: Cabelo de Rainha. Sorrindo, atravessou a rua.

A mãe tinha razão. A pequena praça era o local predileto dos encontros da turma, chovesse ou fizesse sol. Tiveram sorte. Anos atrás, quando eles não eram nem projeto dos pais, uma construtora comprou praticamente todo o bairro para transformar a área em investimento imobiliário. Os moradores que não quiseram se desfazer de suas casas acabaram ficando naquela rua sem saída. Talvez por medo de perderem o sossego, as árvores antigas e o coreto azul lembrando um carrossel de parque de diversões, decidiram perder dinheiro, mas manter a qualidade de vida. E acertaram. Para além da arborizada rua de apenas uma quadra, só se avistavam prédios sem colorido e apinhados de gente que mal se conhecia.

Inaê foi a primeira a chegar. Deixou a mochila de lado e, de braços no assoalho, apoiou os cotovelos na almofada de chita. O início da primavera deixava a praça ainda mais bonita. Dali, sentia o perfume inconfundível do jasmineiro misturado às roseiras. E, como os outros tardavam, acionou sua supercâmera e fotografou o exército de abelhas, joaninhas, grilos, gafanhotos, pulgões, borboletas e beija-flores se refestelando entre margaridas, onze horas, azaleias e cravinas.

Avistou os colegas saindo praticamente juntos. Izabel, da casa azul; José, da casa de madeira com sino dos ventos pendurado na área da frente; Paulo, do sobrado amarelo. Cada qual com sua respectiva almofada embaixo do braço.

O barulho do vai e vem dos bichos de jardim ficou abafado pela chegada dos três. Todos falavam ao mesmo tempo, a garota de tranças enfiou dois dedos

na boca e soltou um longo assovio.

- Só eu acho que a Inaê ficou mais desagradável depois de assistir tutorial de como produzir esse barulho ensurdecador?

- Paulo, se encontrar outra maneira de fazer vocês calarem a boca em segundos, me avise.

A discussão já ia começar, mas Inaê cortou a intenção pela raiz:

- Pensaram em sobre quem vamos pesquisar pro nosso trabalho? Precisamos escolher uma personalidade da cidade e apresentar sua biografia. O problema não é esse, mas como vamos fazer a tal apresentação.

- Hoje apareceu no telejornal a coleção nova da Bia Vaz. Se tivesse nascido aqui, poderia ser nossa escolhida. Minha mãe é doida nas roupas criadas por ela - disse Paulo.

- Vocês conhecem alguém famoso daqui? Eu nunca ouvi falar de ninguém...

- José, se tivesse um jogador de futebol, com certeza você saberia - manifestou-se Izabel - Em todo caso, sei como a gente pode descobrir isso.

- Como? - os outros disseram ao mesmo tempo.

- Da mesma forma que Inaê aprendeu a assoviar: pela Internet...

Paulo ficou com a tarefa de anotar, enquanto Izabel pesquisava. Depois de algum tempo, tinham uma lista de possibilidades:

Benedito Arruda: político, famoso na Câmara dos Deputados por suas propostas estapafúrdias, como a de dar o próprio nome a uma rua, de batizar sua cidade natal com a alcunha de capital nacional do pernilongo e ainda queria dar o título de cidadão brasileiro ao Papa, que, na época, era alemão.

Os cordelistas: poetas que se encontram toda a semana na Biblioteca Pública Municipal. Receberam um prêmio importante por um livro publicado com recursos da prefeitura.

Rovena Varela: atriz e cantora. Teve relativo sucesso em um canal fechado de televisão como apresentadora do programa infantil Sementinhas animadas. Mais tarde, entrou para um grupo de rock pesado. Durante esse período, chegou a raspar o cabelo e tatuou uma guitarra dourada no couro cabeludo. Hoje, é cantora de música gospel.

- E então, povo, temos que escolher alguém... - falou José.

- Eu gostei do lance da poesia - disse Paulo.

Iam nessa, quando perceberam o ronco abafado do pesado motor do carro importado passando em frente à praça. Os quatro se abaixaram e rastejaram até a murada baixa que cercava o coreto. Era sempre assim. Uma vez por semana, o carrão preto dobrava a esquina e parava na casa quase encoberta pela cerca viva. O motorista de quepe e terno escuro descia, abria o porta-malas, pegava algumas sacolas, entrava na residência e, logo em seguida, saía de lá com um embrulho que depositava na parte de trás do carro, fechando a tampa com um estalo seco.

Em marcha à ré, o carro passou novamente pelo coreto e dobrou a esquina, deixando a última casa da rua envolta em segredos e vários registros

feitos pela lente do aparelho celular de Inaê.

A garota voltou em silêncio para a roda de estudos improvisada no coreto da praça.

- Ih, quando essa daí fica com cara de paisagem, está aprontando alguma. Fala! - disse Paulo.

Uma ideia surgiu na mente de Inaê. A princípio frágil, como equilibrista dando o primeiro passo no picadeiro. Depois, a ideia tomou corpo e se arriscou a acenar para a plateia do circo na ponta dos pés. Até que, de supetão, ninguém mais a segurou, a ideia equilibrista atravessou o abismo por um fio e chegou confiante do outro lado:

- Já sei quem vamos entrevistar.

Os três disseram ao mesmo tempo:

- Quem?

- Como?

- É o Benedito Arruda?

Inaê levantou o canto esquerdo da boca, sinal de que a contrariedade dava as caras:

- Que Benedito, José? Endoidou, garoto? Quer ser a chacota da escola? Falar do cara que queria transformar a cidade na capital do pernilongo? Cada



uma... Não é isso, tive uma ideia muito melhor. E se, em vez de falarmos de alguém famoso, a gente pesquisasse sobre uma pessoa desconhecida?

- E quem você sugere?

- Izabel, qual é a pessoa mais misteriosa da rua, com direito a carro preto com motorista e tudo?

- Santa Madalena dos Desesperados, a danada tem razão!

- Quase sempre tenho razão, Paulo...

- Convencida.

- É isso, pessoal, agora precisamos de um plano e colocá-lo em prática. Todo mundo topa?

Inaê estendeu uma das mãos para o meio do círculo, e outras três se juntaram, uma em cima da outra, como sinal de compromisso.

## **A investigação**

A aula do dia seguinte se arrastou. Os quatro combinaram para aquela tarde a investida à vizinha misteriosa. Primeiro, cada um tentaria descobrir algo sobre ela. Valia perguntar para pai, mãe, vizinho, papagaio e periquito.

Mas o esforço resultou em quase nada. Pouco se sabia da moradora do

final da rua, a não ser o nome, Romilda, e que mudara para aquela casa há muitos anos. Além disso, a interação com a vizinhança era nula. Como ali quase todos os adultos trabalhavam fora, com exceção da mãe de Inaê, a velha mulher permaneceu esquecida lá no mundo dela, só causando certa curiosidade quando o carro preto entrava na rua. O resto era mistério.

O plano era simples. Chegariam na casa e pediriam para a entrevistar. Afinal, quem se negaria a receber quatro crianças indefesas?

Lá foram eles, decididos. Os passos rápidos e firmes perderam velocidade, à medida que se aproximavam de seu objetivo.

Pararam defronte à cerca viva. Os pés de pingos de ouro, plantados bem próximos um do outro, criavam uma proteção natural à curiosidade dos de fora. Dali, só se avistava o telhado da casa. Aproximaram-se do portão alto de madeira. Procuraram por alguma campainha, mas essa modernidade ainda não tinha dado as caras por ali.

- Será que tem cachorro? - perguntou Izabel.

- Bate na madeira - murmurou Paulo. - Já pensou se a gente entra e um bicho desses nos ataca?

Foi o garoto terminar de dar as três pancadas com os dedos em nó na madeira do portão e ele se abriu.

Sem reação, os três ficaram ali, parados. Como não escutaram latidos, concluíram que a barra estava limpa. Entraram. As pedras soltas formavam um caminho até a cabana de pedra em meio ao arvoredado.



- Quem diria, uma casa tão bonita escondida por essa cerca viva, hein?!  
- disse Inaê, com a câmera do celular acionada. - Vou documentar tudo para nosso trabalho. Izabel, está com as perguntas aí, não é?

- Claro, não me chamo José...

- Vai começar a ofensa?

Inaê pôs um ponto final na discussão, colocando o dedo indicador sobre os lábios. Ligou novamente a câmera e filmou: a cabana de pedra; a porta de madeira com argola de ferro servindo de campainha; o sótão, onde possivelmente era o dormitório da dona da casa, com uma pequena janela voltada ao nascer do sol; o telhado, descendo quase até as janelas envidraçadas; as cortinas de renda presas por fitas coloridas, permitindo a entrada de luz da radiante tarde de primavera. Registrou o banco de madeira embaixo da sombra de um cipreste cercado de flores miúdas, dessas que nascem por conta própria e não precisam de qualquer cuidado para colorir e alegrar os ambientes. Para os fundos da propriedade, estendia-se um gramado baixo com algumas árvores frutíferas.

- Muito bem, pessoal, não sei se usaremos essas imagens, mas é bom estarmos prevenidos, pois ainda não decidimos como será a apresentação de nosso trabalho de história - avisou Inaê, guardando o celular na bolsa.

- Quem vai tocar a campainha pré-histórica? - perguntou Paulo, com ar zombeteiro.

- Pode deixar comigo - avisou José.

- Eu toco - correu na frente Izabel.

Mas antes de se dependurarem na argola de ferro, escutaram uma melodia de voz doce vinda de dentro da casa:

*Com retalhos coloridos*

*Montei colcha, fiz tapetes*

*Há lembranças, tempos idos*

*Em cada arremate de enfeite.*

Os quatro esqueceram da campainha e se aproximaram da janela. De fora, avistaram a dona daquele canto se desenhando com clareza: de cabelos brancos presos em um coque, parecia reger uma orquestra. Empoleirada num banquinho baixo, movimentava uma espécie de haste de metal, enquanto cantava:

*Junto metro de tecido*

*Num tanto de tafetá*

*Prendo botão dourado*

*E o vestido brilhará*

Vidrados na figura pequena e frágil, encarapitada no banco de madeira, demoraram a perceber o que realmente acontecia na sala. Quando se deram conta, ficaram petrificados, mal respiravam diante do inexplicável fato. Conforme o pulso da mulher girava, pedaços de pano se movimentavam, como

se vida própria tivessem. Botões dourados brilhavam, refletindo a luz do sol e se prendendo em suas respectivas casas. Agulhas com linhas coloridas uniam tecidos num molde invisível suspenso no ar.

*Entre linhas e agulhas*

*Construí lindo bordado*

*Ponto a ponto, laço a laço*

*Vou unindo o separado.*

E a última fita se prendeu à barra do vestido, e ele estava pronto. A um sinal da mulher, a roupa se dobrou cuidadosamente, indo parar dentro de uma caixa sobre a mesa abarrotada de retalhos e outros itens de costura.

Nesse instante, um raio de sol iluminou a haste, e o metal refletiu mil cores pela sala, quase desequilibrando a dona da casa. Ato contínuo, o objeto na sua mão se partiu. E ela, espantada, disse:

- A profecia!

E olhou diretamente para os quatro intrusos. Eles se abaixaram ao mesmo tempo e correram aos tropeções em direção ao portão de madeira, mas quem disse que o dito cujo abria? Nada. O trinco parecia colado ao ferrolho.

- Esperem. Não é preciso saírem dessa forma. Não vou fazer mal nenhum a vocês.

Eles pararam, desconfiados.

Inaê se recuperou um pouco do susto e, parecendo acordar de um sonho, avisou aos companheiros:

- Deve ter alguma explicação pra tudo isso.

E, enchendo-se de coragem, voltaram para onde a mulher de vestido rodado e jeito de vó os aguardava.

## **Uma profecia**

- Antes de contarem como vieram parar aqui dentro sem convite, preciso fazer algo que não pode esperar. Venham comigo.

Os quatro a seguiram. Entraram na casa, e ela designou tarefas:

- Como é seu nome?

- Izabel.

- Garota inteligente, esvazie aquela mesa. E você, como se chama?

- Paulo.

- O que pensa rápido e sempre tem uma resposta na ponta da língua! Está



vendo aquele armário cheio de livros? Pega o de capa verde. E você?

- José.

- O de coração imenso. Arrasta aquelas cadeiras para perto da mesa. E, por último, a menina de tranças lindas. Qual seu nome?

- Inaê.

- Segura isto.

E entregou à garota a haste partida.

Com a mesa desocupada, Dona Romilda abriu o livro e começou a folheá-lo.

- Onde está? - balbuciava enquanto corria o dedo pelas páginas amareladas.  
- Era por aqui. Não, aqui, não. Minha avó falava dessa profecia. Deixa ver, Polux de Pilhéria, Puralua de Maravalha, Puralux de Veritatis. Achei. Vamos ver:

*Criam miríade de cores*

*Quatro em contraluz*

*O cetro em dois se parte*

*E a verdade reluz.*

- Qual o significado disso? Que verdade será essa? - murmurava a mulher.

Inaê percebeu que, dos quatro, Paulo parecia o mais nervoso. Ele chegou bem perto e soprou:

- Meu Anjo da Guarda dos Desastrados... essa velha é uma bruxa.

Foi ele terminar de falar, e a senhorinha de coque, prendendo os cabelos brancos no alto da cabeça, falou o seguinte:

Mirabéu de Miralhina

conserte esta varinha.

Na mesma hora, as duas partes quebradas se juntaram. As crianças fizeram menção de se escafederem dali, mas a dona da casa, com voz doce, avisou:

- Calma, crianças, vocês nem me disseram o porquê da visita... e como meus segredos já deixaram de ser novidade, Escondido revelacio - disse movendo em círculos a haste de metal novinha em folha.

Os quatro correram para fora, e seus olhos mal podiam acreditar no que viam. As árvores de um verde monótono do quintal se tornaram cada uma de uma cor. De dentro dos troncos, brotaram seres alados, voando de um lado para o outro. Uma dessas criaturas veio na direção deles e, pairando no ar com um pequeno cesto na mão, batendo asas qual beija-flor, perguntou:

- Um pouco de néctar, Romilda?

- Agora não, Melissa. Tenho visitas...

Escutaram um resmungo. A dona da casa se sentou no gramado e perguntou:

- O que foi agora, Stágoros?

E se abaixou para escutar a criatura com cara de poucos amigos. Depois, virando-se aos visitantes boquiabertos, revelou:

- Esse gnomo é o melhor cuidador de plantas que já tive, mas me dá um trabalho, pois é um territorialista de marca maior. Está sempre reclamando dos outros gnomos, dos duendes e das fadas. Acho até que foi por isso que o Lupércio, um fauno tão bonzinho, acabou indo embora. E então, gostaram da minha morada? E apontou para a casa.

Quando as crianças pensavam já ter visto de tudo, a pequena cabana se transformou num castelo com duas torres apontadas para o céu.

- Agora podem explicar o motivo de estarem aqui?

Inaê contou do trabalho da escola e da ideia de entrevistarem alguém pouco conhecido. Ela, dona Romilda, foi a escolhida pelo grupo. Mas, agora, depois de toda essa revelação, teriam muito a contar. Afinal, tudo ali era mágico.

- Meus queridos! Quando vocês saírem por aquele portão, não lembrarão absolutamente de nada. Não adianta usar esse aparelho. Ele funciona como uma extensão da sua mente. Apagou num lugar, sumiu no outro. - E apontou com a varinha para a cabeça de Inaê, depois, para o telefone.

A garota guardou o celular na bolsinha. Paulo não conseguia segurar o riso.

- A senhora pode pelo menos explicar o que está acontecendo?

- Claro. Eu sou uma Fada Madrinha. Já ouviram falar de nós, não é? Estamos por aí, espalhadas pelo mundo. Bom, na verdade, hoje somos poucas. A humanidade tomou conta de tudo, então, precisamos viver sob disfarce. E isso dá um trabalho danado.

Uma fadinha esvoaçante chegou com um cesto de frutas cristalizadas. As crianças se esbaldaram, sem perder uma frase daquela mulher fantástica na frente deles.

Ficaram sabendo que dona Romilda tinha uma afilhada, e esse era o sentido de ela viver ali, escondida naquela rua sem saída. Pelo menos uma vez por semana, o carro preto entrava na rua e trazia tecidos de diferentes tipos, texturas e cores. Cabia à Fada Madrinha transformar aqueles panos lisos e sem graça em roupas fabulosas. A afilhada parecia ir a uma festa diferente a cada dia. Por isso, precisava de novidades. Sobrava pouco tempo para a pobre mulher aproveitar o jardim, ler ou até mesmo visitar as fadas parentes espalhadas pelo mundo.

Neste momento, Inaê se lembrou de que algo havia despertado sua atenção, enquanto a dona da casa folheava o antigo livro em busca da tal profecia, sabe-se lá de quê. A garota pegou o celular, acionou a busca na Internet e mostrou a tela, perguntando:

- Foi esse o vestido criado pela senhora?

- Sim, exatamente esse. Como você descobriu?

Inaê pediu para entrarem novamente. Foi até a pilha de retalhos num canto



da mesa e pegou um todo floreado. Entregou o pedaço de pano à mulher:

- Dona Romilda, acabo de descobrir algo desagradável...

- A profecia - balbuciou a mulher.

*Criam miríade de cores*

*Quatro em contraluz*

*O cetro em dois se parte*

*E a verdade reluz.*

- É isso. Agora tudo faz sentido. Os quatro na janela, as cores se desprendendo da varinha de condão, ela se partindo, uma verdade... diga lá, minha filha, o que você sabe e eu não sei?

## **Revelações**



Se Inaê estava feliz?

Sim.

Mas deu trabalho deixar a praça toda enfeitada, cheia de bandeirolas coloridas.

Durante boa parte da manhã do sábado ensolarado, os pais dos quatro amigos ajudaram a preparar o local para o grande evento da tarde.

Inaê chegou antes de todo mundo ao antigo coreto. Não via a hora de os colegas verem a belezura preparada nos seus cabelos. Foi uma surpresa e tanto. Ela adorava o salão da mãe. Tudo naquele espaço lembrava a ancestralidade africana, e os cortes e penteados realçavam ainda mais a beleza dos cabelos crespos. Antes do almoço, sua cabeleireira predileta pediu que ela se acomodasse na cadeira giratória e ficasse de costas para o espelho.

Enquanto trabalhava, a mãe perguntou se a filha conhecia a história de quando Iemanjá, a Rainha do mar, presenteou Olodumaré, a grande divindade, com uma cabeça de carneiro. A garota já havia escutado, pois a mãe sempre contava essas narrativas que vinham do tempo dos antepassados escravizados, mas disse que não.

E a mãe trançava e contava:

- Um dia, Iemanjá foi convocada para uma reunião com todos os orixás, e o aviso chegou bem quando ela preparava um carneiro para o almoço. Como não queria ir de mãos abanando, embrulhou numa alga marinha a cabeça do bicho. Chegou na casa de Olodumaré, arrastando a cauda do vestido azul como o oceano. A cada passo, as estrelas do mar iam se espalhando pelo caminho e ricas pérolas saltavam de dentro das conchas. Ela foi a única a levar um presente. Olodumaré não teve dúvida e sentenciou: “Já que cabeça você trouxe, cabeça você será.” Por isso, desde esse dia, Iemanjá toma conta de todas as cabeças.

- Da nossa também? - perguntou Inaê.

- De todas as cabeças pensantes, principalmente, as defensoras da justiça.

- Que beleza de história!

- E de quando ela aprendeu a ler os búzios, já contei? Pois o marido de Iemanjá supria a casa de mantimentos. Como era um grande adivinho, quem precisasse de algum conselho, recorria a ele. Mas um dia, o homem precisou viajar para longe. Partiu e não voltava mais. Iemanjá, sabida como ninguém, tinha o dom natural de ler os destinos nas pequenas conchas do mar. E foi o maior sucesso. Quando o marido voltou, na entrada da cidade encantada no fundo das águas, ficou sabendo que um adivinho dos bons andava pela redondeza. Disfarçado, decidiu tomar conhecimento do rival. Qual não foi sua surpresa, ao descobrir que o grande leitor de búzios era, na verdade, a própria esposa. Aí, não teve jeito, precisou aceitar a concorrência. Pronto - disse a mãe prendendo a última trancinha. - Já pode olhar.

Quando Inaê se virou para o enorme espelho oval, reconheceu as tranças, porém, agora, elas lembravam o mar, pois cada uma delas trazia pendurado um pequeno búzio.

Inaê viu quando o portão de madeira no fim da rua se abriu e de lá saíram Izabel, Paulo, José e dona Romilda carregando caixas de papelão. A vizinhança também se achegou munida de cadeiras portáteis. Em pouco tempo, a praça se encheu de burburinho, conversas alegres de gente que se vê apenas rapidamente durante a semana.

O ônibus escolar dobrou a esquina. De dentro dele, desceu Morgana, a professora de história, e os demais alunos do quinto ano.

Era para usar a criatividade na apresentação, pois isso não faltava àqueles quatro.

O pai de Paulo trabalhava com aluguel de equipamento de som para festas, então, não foi necessário muito esforço para terem um amplificador potente para o evento.

Morgana, toda alegre, pegou o microfone para dar boas-vindas à plateia. Mas o povo, naquela novidade de encontro, não prestava atenção nela. Então, ouviu-se um assovio atravessando a tarde - artes de Inaê -, e o silêncio imperou em volta do coreto. A professora explicou as motivações do trabalho, ou seja, que a turma conhecesse mais sobre a história local, através dos feitos das pessoas da cidade. Normalmente, as pesquisas se detinham na vida de personalidades famosas. Mas aquele grupo decidiu fazer algo completamente diferente. Então, os chamou para que relatassem a experiência.

Os quatro, envoltos em uma capa de tecido preta que ia dos ombros aos pés, saíram detrás do biombo de madeira montado mais cedo e ficaram lado a lado no último degrau da escadinha do coreto. Dali, enxergavam dona Romilda, sentada bem na frente. Inaê pegou o microfone e falou:

- Nossa professora pediu para pesquisarmos sobre alguma personalidade do município. Tínhamos várias opções, mas aí lembramos da tão sozinha e silenciosa vizinha, na última casa da rua. E nos perguntamos, qual a história dessa mulher? Então, percebemos, todos temos histórias interessantes, só ainda não foram contadas.

Paulo continuou a leitura:

- Decidimos pesquisar sobre a vida de dona Romilda. Claro, primeiro, a gente precisava conversar com ela, saber se gostaria de participar deste trabalho. Como temos um pouco de cara de pau e mais um tanto de sorte, fomos até lá. Pedimos. Os anjos e arcanjos do céu disseram amém. Ela nos recebeu.

José tomou a palavra:

- Ganhamos gostosuras de dona Romilda, brincamos no seu quintal, nos divertimos à beça. E descobrimos que ela faz um trabalho lindo. Uma verdadeira obra de arte com agulhas, linhas, botões e tecidos. Mas também soubemos de algo muito triste.

Izabel leu sua parte:



- Saibam, alguém se aproveitou de sua bondade. Ela nunca sai de casa, passa os dias a costurar para uma afilhada. Todos aqui já ouviram falar dela, a famosa estilista Bia Vaz. No entanto, da cabeça e do coração dessa falsa artista, não sai nada de bom, só exploração, pois as ideias vinham todas desta mulher aqui presente. A verdadeira estilista é dona Romilda.

Uma a uma, as pessoas naquela praça levantaram e aplaudiram a encabulada senhora de cabelos brancos, que secava lágrimas teimosas num lenço bordado.

Inaê pegou novamente o microfone:

- Na nossa rua, vive uma artista que nunca conseguiu ser reconhecida por sua obra. Alguém explorava indevidamente a sua criação. Com a ajuda de nossa professora e de nossos pais, conseguimos denunciar o crime. A história

agora está nas mãos das autoridades. Por isso, vestimos estas capas pretas, como luto e protesto por essa maldade. Mas se vocês pensam que ela desistiu de tudo, estão redondamente enganados, agora tudo começa, pois ela decidiu montar uma coleção pensando em nós, crianças.

Dona Romilda se levantou, subiu os degraus do coreto, pegou o microfone e disse:

- As palavras são poucas para agradecer aos filhos e filhas de vocês. Então, costurei e bordei como forma de homenagem. E já adianta, foi uma experiência mágica. Inaê, Izabel, Paulo e José deram o nome à coleção, pois me consideram uma Fada Madrinha.

E desamarrou os laços que prendiam as capas escuras, revelando roupas com estampas de gnomos, duendes, elfos, faunos, fadas e outros seres encantados. Os quatro abriram as caixas de papelão e começaram a distribuir as peças confeccionadas pela estilista do fim da rua.

Aos poucos, a vizinhança voltou para casa. Ficaram na praça apenas dona Romilda, Inaê, José, Izabel e Paulo, sentados nos degraus da escada do coreto. Traziam no semblante a certeza do dever cumprido. Inaê deu voz à curiosidade dos amigos:

- A senhora vai continuar com essa história de ser estilista?

- Pois, então, minha filha, agora estou famosa, saí até no telejornal! Acho que vou continuar, sim. Gostei desse nome que vocês inventaram para minha coleção: Fada Madrinha. Essa pode ser a minha marca. E tem mais, a partir de agora, só vou costurar para crianças.

- A justiça foi feita, que bom, não é mesmo? - disse Izabel. - E esse nome tem tudo a ver, afinal, a senhora é mesmo uma Fada Madrinha.

- A gente chegou a pensar que, naquela casa do final da rua, vivesse uma bruxa malvada, mas não, temos uma fada bem boazinha - completou Paulo.

Dona Romilda ficou com um ar pensativo. E então falou:

- Sabe de uma coisa, Paulo? O que separa uma bruxa de uma fada é uma linha bem fácil de romper. Vocês estão falando de justiça, pois me veio uma ideia. E não é própria de uma fada virtuosa. Sabem de uma coisa? A Bia Vaz merece uma lição...

A mulher puxou da manga bufante da blusa azul celeste a varinha de condão e, diante dos quatro com cara de espanto, sentenciou:

*O infame mal feito*

*Se desfaça num momento*

*A costura em fiapos*

*Se espalhe pelo vento*

- Amanhã, teremos notícias frescas! - avisou ela, guardando novamente a varinha.

Inaê, lembrando de algo, pescou na bolsinha o aparelho celular e disse:

- Gente, vamos tirar uma selfie?!

E os cinco sorriram para a câmera, registrando a alegria que tomava conta daquele fim de tarde.









# O meu quintal de nuvens

**Alan Minas**

Desde cedo, aprendi com meus pais a colocar o Mundo em seu devido lugar: nas letras e no espírito. É onde o Mundo pede repouso, onde nos empresta sua sabedoria. Aprendi que o saber é um sopro do tempo a embalar nossos passos. E que o saber também é o medo. Esgarça o tecido do horizonte, a puir o que a vida nos prometera. O difícil é cumprir o dever de seguir com ambos até o fim e não lhes soltar. Onde tudo termina? Até onde o saber me leva?... Muitas perguntas seguem a ecoar em mim, não encontro respostas.

Abro a janela e admiro as casas próximas, antigos vizinhos. A centenária vila Santão do Remorso segue serena. Ao contrário de mim, que bocejo meus sonhos, o lugar prefere um infindo adormecer. Os moradores preservam a rotina de pisar o firme chão das ruas, seus lugares comuns. Evitam as próprias calçadas, desniveladas. Assim, afastam os tropeços dos dias. Cair é um risco que não querem correr. Doem as certezas, arranham os porquês, distendem os querereres.

Nos últimos três anos, a vila adquiriu uma estranha paz. Nada acontece nesse modorrento lugar. Pacatos, os habitantes não poupam manifestações a demonstrar o quanto me guardam. Ou será que guardam o meu passado? Ainda me sinto a arder por dentro. A recordação que me toma segue queimando num fogo que nunca irá se apagar. Caminhar na saudade é pisar na sombra, no breu de muitas escuridões. O cansaço de seguir só nublou meus dias, e o futuro parece desconhecer meu endereço.

Duas semanas após meus pais partirem, tia Excelência veio morar comigo. Sua presença e carinho preenchem o lugar, que, para sempre, seguirá vazio. Ouço-a à beira do fogão. O café apita. Ela abre a porta que dá para os fundos e atapeta o chão com o sol. Lépida, aquece os passos nas tarefas do dia que se inicia. A octogenária mulher não sente o peso da idade, o cansaço das longas jornadas diárias. Seu entusiasmo lhe inventa outras nascenças:

- Parece que estou sempre me estreando, feito quem entra vaidosa nas lojas da vida. São as etiquetas de cada dia que me garantem as novidades!...

Solta sua gargalhada ruidosa e, em seguida, dá dois sopapos na parede. Tap! Tap!

- Todo riso deve ser grudado na casa. Pra gente bater os olhos e lembrar que somos felizes. As amnésias nos entristecem...

Nunca compreendi tamanha empolgação e energia, sobretudo com uma vida a se arrastar num penoso coxear. Por conta da deficiência no pé, a mulher troca as pernas num andar oscilante a parecer tombar a cada passo.

- A vida já me rasteirou, e muito! Mas tenho meus contrapés pra seguir firme.

Desliza no chão num silencioso caminhar. Nunca sei onde ela está, nunca sei por onde pisa. Certa vez, perguntei-lhe sobre o acidente que a aleijou. Disse-me que eu estava equivocada.

- Acidente, nada! Foi é sorte o que eu tive! Com isso, a vida me deu jeito e me enviesou pr'eu me aprumar nesse mundo torto. E ter as coisas em equilíbrio.

A queda de um cavalo e sua pisada a deixaram naquela condição, marcaram-na para sempre.

Sento-me ao lado dela para comer. Ela me conta sobre o que planeja para o dia, mas não consigo ficar atenta. O meu pensamento segue em outro tempo. Tia Excelência aprendeu a me conhecer, a saber das minhas angústias e pensamentos:

- Minha filha, teus olhos põem tudo o que você sente no varal!

- É... Nem sei esconder o que sinto de mim mesma.

- Mostrar-se é coisa doída, tormentosa, e o pior: dispela a gente! É ruim, mas é bom. Tudo que dispela tem serventia.

- Por favor, não me leve a mal... mas não me chame de minha filha. Já pedi.

- Eu sei, eu sei... Desculpe. É costume meu, emprestar família de todo mundo.

Sei que não se chateou por conta do meu comentário, seguirá a zelar por mim. Nesse tempo de convívio, construímos imenso afeto entre nós. Chamo-a de tia por consideração, pelo sangue da amizade. Na verdade, ela é uma velha amiga da minha avó. Não somos nada uma da outra. Não a conhecia, até ela vir morar comigo, no arranjo de um disse-me disse de pessoas que se solidarizaram

com a minha perda, não queriam me ver sem companhia depois do ocorrido. Solitárias e sem parentes vivos, logo nos identificamos.

Tia Excelência se levanta da mesa e, ao passar pela janela, fica apática com o que vê do lado de fora. Muda o peso do corpo de um pé para o outro, a fim de conferir se o que está vendo é real, ou o mundo mais uma vez entorta na razão.

- Valha-me, minha Nossa Senhora!...

Vou até ela conferir o seu espanto. Através da janela, a surpreendente visão também me toma de perplexidade. Corro ao terreiro e encontro inúmeras nuvens pousadas no chão. Possuem variados tamanhos, sendo algumas bem miúdas. Com a respiração travada, avanço lentamente entre elas, atenta a não as pisar. Eu as toco, suas consistências se assemelham a sorvete de vento em redemoinho. Umás estão encharcadas, e outras, secas. Distingo uma delas carregada, aproximo e a ouço a gestar trovões. Pequenos raios faíscam em seu interior. Atônita, testemunho uma pequenina a nascer, a brotar do solo e serenar sobre a terra. As inesperadas visitas se espalham a inventar no chão outro céu. Tia Excelência está com os olhos esbugalhados, à porta, indecisa em descer, chamo-a a vir ter comigo. Admirada, caminha devagar entre as nuvens.

- Minha filha, será que o firmamento caiu? Ou já começamos nosso estágio pra anjos?

Em seu andar cambaleante, acaba resvalando em algumas nuvens, que reclamam trovejos. A tia se assusta, mas acha graça, também me diverte. É inevitável não sorrir diante de um jardim de nuvens.

Nesses dezesseis anos de vida, já não vi bastante coisa. Nesse não-ver,

aprendi a seguir sozinha. O pouco que meu pai e minha mãe me ensinaram é o muito que tenho. Saber tem um custo. Soube disso cedo demais. Aprendi a saber e a dessaber. Há muitas maneiras para isso, espio tudo que acontece ao meu redor num olhar rasteiro. A folhear o mundo, a contemplar os livros. São lições que eles me deixaram. O nosso diálogo se interrompeu há três anos, mas nossa conversa ainda segue. Eu os indago, penso perguntas. Eles respondem, penso respostas. A memória se apaga, mas não morre. Três anos. Já se vai uma vida, duas. Ou mais. O tempo tem muitos tamanhos, suas pegadas nunca são as mesmas...

Lembro-me que meu pai e minha mãe atravessavam os dias na lida com as letras. Eram tradutores do universo, como brincávamos, quando nos debruçávamos em nossa varanda a contemplar a paisagem.

- Veja lá longe, filha! O mundo está inacabado. Dali em diante, precisa ser terminado.

- Como assim, pai? Mas ele já está pronto!

- Olhe aquela serra, está no rascunho.

E ríamos com a possibilidade de lapidarmos o impossível. Era a vontade de transformar o que nos cercava, através das nossas imaginações, dos nossos sonhos.

Durante o dia, meu pai e minha mãe iam à escola e me levavam junto com eles. Lá ficávamos por toda a manhã, mas meu turno somente se iniciava à tarde. Assim, era comum eu frequentar ciclos de estudos maiores que meus colegas. Gostava de estar perto dos meus pais, gostava de estar naquele lugar. Distribuía letras e palavras aos alunos, que, esfomeados, devoravam o que lhes era servido. Recebiam ensinamentos pautados, e outros um tanto desalinhados. Meus pais

compartilhavam livros, cadernos e pensamentos. Utopia fatiada. Ensinavam que tudo devia ser visto por muitos olhos. Que a paisagem não possuía um dono. Que o sol não tinha apenas um endereço. Que as riquezas do chão não tinham cercas. Na horta, os alunos rezavam na prece do plantio, de uma terra revirada. Semeavam olhares e alegrias, extraíam dádivas. O fruto dos seus trabalhos era repartido entre si. No fim do período, cada um levava um pedaço de saber para casa.

Após o jantar, minha mãe e meu pai alternavam suas idas à escola. Era a vez dos adultos se iniciarem no debulhamento das palavras. Mesmo após um dia de trabalho árduo no campo, eram assíduos, empurrados pelo ânimo de nova colheita. A vontade de saber estava sempre madura. Suas letras eram tortas e fugiam de seus lugares, escorregavam a fugir das linhas. Os calos resistiam ao delinear das letras. Afinal, durante anos, foram eles que ditaram outra escrita às mãos. Os ensinamentos dos meus pais não cabiam nos papéis, sobravam para os olhos e ouvidos. Minha mãe possuía suas cartilhas:

- Se não conhecermos bem as palavras, não saberemos escrever nossos direitos. Quem somos? O que estamos fazendo aqui, neste lugar, neste mundo?

Depois da aula, ela sempre demorava a voltar para casa. Algumas mulheres queriam lhe falar, emprestavam-lhe confiança e lamentos. Era comum o álcool lhes aplicar duras reprimendas, e serem obrigadas a seguir a ordem de um destino herdado. Minha mãe agrupou mulheres a compartilhar silêncios comuns, sigilos ancestrais. Pisa, tunda, coça. Muitos verbos, há muito, já eram conjugados por elas, conheciam todas as suas inflexões. E minha mãe lhes ajuntava os pedaços, lhes ajuntava a força de serem muitas.

Meu pai levava meus livros para seus alunos adultos, emprestava-os, e alguns nunca retornavam para mim:



- Pai, vai levar mais livros?! Eles se esquecem de devolver...

- Não tem problema. Acho até bom que fiquem com eles.

- Mas são nossos livros!

- Não são livros, filha. São sementes. Vão saber lidar com isso, fazer bom proveito.

E saía com a mochila cheia deles. Muitas vezes, acompanhei suas aulas, era estranho e divertido ver os adultos nas carteiras que eu usava durante o dia. Sobravam braços, as pernas tinham que ficar abertas, de outro jeito não caberiam. Impressionava-me o esforço que aplicavam a compreender o que meu pai explicava. O cansaço e o vício, por tantos anos num pensar com ideias emprestadas, aferrava-os. Mas, depois, era bom ver seus sorrisos vitoriosos a coroar conquistas e revelações. Os olhos brilhavam, era o reflexo de uma luz ainda maior que lhes acendia por dentro.

- Essa árvore, essa pedra, essa terra, somos eu e cada um. Nossos antepassados estão espalhados em tudo. Meu avô é a pedra Azul que marca a curva da estrada. Minha bisavó é aquele jequitibazão na beira da represa.

Os homens seguiam atentos ao que meu pai dizia. Coçavam suas cabeças com as pontas dos dedos, como se quisessem plantar as ideias no pensamento. Buscavam coragem diante dos dilemas, dos diferentes rumos a seguir.

- É preciso primeiro saber das coisas. E depois mexer e mexer e mexer as ideias. Quando devastam a floresta ao nosso redor, deceparam também os meus pés, cortam minhas pernas... Como posso seguir sem elas? O sustento dessa cidade vem daí. É bom?, é. Mas temos que dar um jeito de encontrar outra forma de

seguir caminhando. Como vamos andar sem pernas?

Aprendi, desde cedo, que a escola tem endereço, mas não é um lugar. Aprendi que tudo ao nosso redor tem muitos jeitos de se mostrar. O mundo é carregado de muitos mundos, que estão à nossa volta a nos emprestar sabedoria no que o tempo lhe marcou. E me atravessa sem eu me dar conta. Compreendi que o saber é um par de óculos. Custou-me caro esse enxergar.

Tia Excelência e eu sentamos juntas no degrau da porta, a admirar as nuvens repousadas. Em algumas terras, nascem plantas, brotam ervas e flores. É o comum do que o chão nos oferece. Alguns solos racham, quando a Terra mostra sua exaustão. Outros chãos se liquefazem, quando a Terra não suporta suas melancolias e chora. O meu quintal é igual a todos os terreiros da vila, mas, ao mesmo tempo, único. Não sei se isso é bom ou ruim.

- A terra também tem seus saberes? Ou se faz somente se gabando da beleza, sem nem ao menos pensar que encanta?

- Ela sabe de tudo, minha filha. Há terras sabidas e outras terras mais sabidas ainda!

Para nossa surpresa, uma das nuvens se desprende do chão e, serenamente, sobe ao firmamento. Segue seu caminho para muito longe.

- Isso lá é lugar pra nuvens nascerem?!

- Vá saber, tia! Quem anda a semear essa terra?

Tia Excelência e eu ficamos lado a lado o resto da tarde, a compartilhar alumbramentos.

O galo cagueta o dia. Seu canto faz ranhuras na memória. Lembro-me quando meus pais me despertavam com carinho, pondo-me a correr alegrias, enquanto me aprontava para não perdermos a hora do colégio.

- Engole os dentes e escove o pão, filha!



- Está bem, mãe, estou indo...

- Tire a preguiça da mochila, ela pesa demais e ainda vai te entortar a coluna!

- Está bem, pai...

Distante daquele tempo, tais pressas e correrias se tornaram instantes eternos.

Após o acidente, fiquei dias sem falar. Perdi as palavras. Como se elas tivessem se dissolvido dentro de mim. Eu as buscava, mas não as encontrava. Qual é o rumo das palavras dentro da gente? Cada um é um amontoado de dizeres? Que frases sou eu? Após o acidente, uma página em branco se estendeu diante dos meus olhos.

Tia Excelência surge à porta e me traz ao presente:

- Você não vai mesmo voltar a estudar?

- Pra que serve saber? Pra ser enterrado com a gente, quando a gente morrer?

- Minha filha, tem saber que é pra sempre, e outros que não têm fim. Mas

tudo que se aprende tem uso de cabeceira: é pro dia!

- Não quero, não vou. E eu já pedi, não me chame de minha filha.

Tia Excelência me deixa sozinha.

As ranhuras da recordação expõem o fim de um tempo, que teima em não se acabar.

Meu pai saiu da escola, se encaminhava para casa, quando foi abordado por dois homens numa caminhonete. Autonomearam-se Mestres:

- Acho que você, professorzinho, precisa de uma lição. Se não engolir seus ditos, pode ter o azar de ter azar.

- Isso é uma ameaça?

- Não se trata de ameaça, é um exercício pra você pensar. Tarefa de casa.

E partiram, acelerando, deixando uma nuvem de poeira e medo para trás.

Foram dias apreensivos, com repetidas abordagens. Exasperada, minha mãe só saía à rua na companhia do meu pai. Todos na vila tinham conhecimento desses recados. Sabiam quem os enviava, sabiam que seu Moderado era o Mestre dos Mestres.

- Olhe, professora. Acho que é de bom tom e inteligência de instinto não mexermos mais com assunto de madeira...

- Por quê?

- Seu Moderado é espinhento e rico pra daná! Fez fortuna no que faz. Acho bom mudarmos o rumo das aulas, experimentar outras prosas... É só um conselho, por muito que preze a senhora e seu marido.

Meu pai e minha mãe passaram dias acuados, a refletir sobre o perigo que lhes rondava:

- Só temos um rumo. E é nesse rumo que nossas vidas precisam seguir!

- Estou com medo. Você é minha companheira, me conhece como ninguém, conhece meus sonhos... Mas será que esse rumo nos levará até alguma saída, chegaremos a algum lugar?

- Te entendo, mas tem uma coisa dentro de mim que diz que precisamos continuar. Continuar por nós, por nossa filha e por todos!

A decisão de prosseguir mudou para sempre o rumo das suas vidas e também da minha. Seguiram com as aulas a compartilhar justiça, a ensinar belezas. Mas, um dia, foram surpreendidos, quando, ao chegarem à escola, não havia alunos. Frustrados, percorreram algumas casas à procura dos estudantes, a compreender a inusitada falta coletiva.

As pessoas os atendiam, mas não se mostravam por inteiro, nem vinham ao portão. Conversavam pela janela do receio, na porta dos temores.

- Ô, Dorinha, por que é que não mandou sua filha à escola hoje?

- É cansaço dela, em muito. Está moída por dentro, de dá dó...

Encaminharam-se a outro endereço.

- Tião, desde a semana passada, nem você nem os homens voltaram pra aula. Depois de adultos, ficaram com medo de falar e pensar bonito?

O velho homem se retraiu e respondeu ao meu pai:

- Olhe, já estudamos demais. Chega, meus calos passaram a gostar mais de carregar lápis, do que enxada. Nem reconheço minhas mãos! Acho que devíamos entrar de férias...

Meu pai o mirou fundo, compreendeu o que disse, o que os afastava. Ciente da escusa dissimulada do aluno, claramente coagido, preferiu não estender a conversa. Resignado, agradeceu o conselho e saiu.

Dias e noites se passaram nessa angústia. O saber traz o medo. O saber possui uma razão, ainda me pergunto qual. O mundo não passa de mundo. Já não nos bastam nosso chão? Precisamos inventar infinitos?!

Segui ao meu quintal, a perpassar minha peculiar plantação. As nuvens menores crescem rapidamente, outras ganham volume, escurecem e se tornam carregadas. Quando atingem esse ponto, desgarram-se do chão e migram para o céu. Aproximo-me de uma bastante saturada, a tentar espiar o que há lá dentro. A quantidade de água espelha minha imagem em seu interior. Está atulhada de pequenos raios e trovões. Enfio a mão a sentir como é o centro da nuvem, quando sou atingida por um raio. A descarga elétrica faz todo meu corpo estremecer, caio prostrada no chão, ofegante e assustada. Recuperada do impacto, levanto-me e a fixo a uma distância segura. O interior de cada coisa esconde o que não se imagina... Quantas profundezas guardamos?

Tia Excelência avisa que o jantar está pronto, quer saber se tenho fome.

- Estou sem apetite.
- Assim, vai acabar sumindo de magreza.
- Antes fosse, deve ser bom sumir de magreza, ou de qualquer coisa.
- Não fale besteira, minha filha!
- Não é besteira, é só o ponto final de cada um. E não me chame de filha, já falei!
- Filha é só um emprestado, também já disse. E esse negócio de ponto final, não entendi isso, não. Deixa pra lá.
- Deixa pra lá o quê? O negócio de ponto final?
- Mas se você falou, tem que ter um motivo, uma explicação.
- Ponto final, c'est fini.
- Eita, agora que complicou tudo mais ainda... É bom mesmo a gente dar cabo nessa conversa.
- Isso, acertou: ponto final: o que acabou de falar.
- Eu não disse isso, eu falei dar cabo. Aaii...

Em sua inquietude, a velha mulher passa a buscar o que fazer. Descasca o tempo, na afobação de inventar correrias. Atravessa a cozinha com vassoura e pano, começa a limpar a varanda. Cantarola uma valsa, canção que desconheço.

Tia Excelência lustra alegrias, desencarde mau humor. Entre um movimento e outro do rodo, puxa conversa:

- Na minha cidade, o povo fala que trabalhar cantando cansa menos, sabia? O padre da minha cidade cria música junto com os santos, você acredita nisso?! Fez música em parceria com Santo Antônio, São João... Conheci um homem que tem o maior nome que eu já vi: vinte e cinco no total! Você acha justo a pessoa carregar tanto passado durante a vida toda? Acho que só devemos levar o que couber numa bolsa. Os que sobraem, parentada cri cri, largamos mão pra lá! Ou enfiamos tudo na sacola de alguma prima chata!

Ela pergunta o que eu pretendo fazer com as nuvens, pois estão atravancando o caminho. Tem razão, é impossível cruzar o quintal sem esbarrar nelas. Mas não sei o que responder. Pego uma vassoura e vou a sua ajuda. Esfrego o chão imundo de terra, uma antiga sujeira que encarde o cimento queimado, não desgruda. Sugiro pintar o chão, esconder as manchas antigas. Concentrada no que faz, responde-me sem me dirigir o olhar.

- Íamos ter que pintar todo dia. Toda manhã, isso fica desse jeito. Essa cidade é um barro só! Olhe! É terra pra tudo que é lado: na rua, dentro de casa...

Concordo, a cidade parece estar envolta numa enorme nuvem de poeira a escondê-la. Turva a vista de todos.

- Sabe de uma coisa, tia? Acho que por conta de a poeira embaçar tudo, as pessoas até esqueceram como é o marido e a esposa. Não se veem faz tempo! Esqueceram de como são de verdade!

Tia Excelência dá sua sonora gargalhada por conta do que disse. Tap! Tap! Acho graça de ela achar graça.



- Fica tudo igual. Pensando bem, acho que meu ex-marido, que Deus o tenha!, foi ficando meio barro meio tijolo, por causa de tanto respirar essas coisas. Tudo que lhe diziam, concordava balangando a cabeça. Ô, homem frouxo das certezas!

E espalha seu sorriso largo por toda a casa. Um sorriso a limpar o ar, a limpar o meu peito.

- Tia, era só passar o esfregão nas fuças dele. Ou ele se emendava, ou sumia de vez, feito pó que a gente tira e varre pra longe!

- É bem isso!

Sorrimos juntas, uma para a outra. Muita coisa estava a ganhar brilho, a espantar poeiras. Ela interrompe o que faz, apoia-se no rodo e seca as lágrimas do riso, seu olhar assenta no quintal. Torna a me perguntar o que eu pretendo fazer com as nuvens. Penso por um instante, a vislumbrar a plantação em meu jardim. E, como se a inesgotável energia de tia Excelência me contagiasse, decido avançar nas limpezas. Empunhando a vassoura, marcho até o quintal. Miro as nuvens espalhadas, dou razão à velha mulher, estão atravancando o caminho. Num ímpeto, aferro-me ao cabo de madeira e começo a varrê-las, fazendo com que se desprendam do chão. Uma vez soltas, começo a empurrá-las para o alto, a lhes mostrar seus caminhos.

- Xô, xô! Aqui não tem espaço pra vocês, podem ir embora! Xô, xô!...

A tia aprova a ideia e se junta a mim:

- Isso é lugar pra essas folgadas criarem ninho?! Podem chispar daqui! Vai, vai!...

Divertindo-nos, seguimos a varrer as nuvens do nosso quintal. Mesmo as menores são enxotadas. Todas partem no rumo que queremos. Aos poucos, uma a uma, sobem até o mais alto que nossas vistas alcançam. Tia Excelência e eu nos abraçamos, cansadas e satisfeitas pela limpeza que realizamos. Compreendi, naquele instante, o porquê da sua presença em minha casa. E que cada um carrega, no nome, uma importante herança. Compreendi o seu nome, e também o meu. Compreendi que todo sentimento também é uma forma de saber. Ficamos a contemplar as minhas nuvens, que, finalmente, partem a cumprir seus caminhos.

Era uma estranha manhã, quando meus pais saíram e não me chamaram a ir com eles. Levaram livros, uma lousa e giz. Incentivaram-me a ficar brincando, alegando que a aula seria desinteressante. Desconfiei que estavam a esconder algo de mim. Esperei se afastarem e os segui distante. Vi quando chegaram à pracinha da vila e apoiaram a lousa no chão. Meu pai abriu um livro e, empostando a voz, começou a ler um conto e a fazer sua análise. Notei que os moradores, retraídos, assistiam a tudo por trás das janelas, pelos cantos da casa. Era interdita a aula que meus pais estavam a professorar em público. O saber perpassa as pedras, rios e montanhas. Ele está em tudo, sob distintas formas. Encontra muitos caminhos, encontra sua maneira de nos abraçar e repousar em nosso espírito. Lembro-me do meu pai sempre a repetir tal ideia para mim. Observando-os na praça, senti um misto de acanhamento e orgulho. Minha mãe desfiava a ciência e seu jeito de ver a natureza. Descrevia-nos como parte inerente de tudo que nos cercava. Proclamava nossos direitos e deveres. Meu pai retomou o discurso e falou sobre liberdade, sobre o direito de nos informar, de saber e de pensar. Falou sobre a importância de sermos nós mesmos. E, num gesto impensado, reinventou o lugar:

- De agora em diante, a escola é aqui nesta praça! É nesta rua e em todo o lugar. Lugar de aprender é em qualquer canto. E ninguém vai impedir a gente

de aprender e de pensar. Gente não é escravo de gente! Esse tempo acabou.

Um imenso silêncio se fez ao seu redor. Observei as pessoas se recolhendo em suas casas, submergindo em seus interiores. Vi meu pai e minha mãe sozinhos, no meio da vila, sozinhos, no meio do mundo. Caminhei até eles, não se surpreenderam com a minha presença, nem me reprovaram por isso. Ao contrário, acolheram-me. Reconheceram em minha atitude, suas heranças. Frustrados, seguimos embora abraçados. Nesse caminho, percebi que meu pai estava correto quanto ao que certa vez me disse. O Mundo estava inacabado, em rascunho. O contorno final era de nossa responsabilidade.

Ao nos aproximarmos do portão de casa, uma caminhonete parou perto de nós. Eram os Mestres:

- Ô, professor! Parece que não entendeu nós. Não cumpriu a tarefa que passamos. Assim, não vai dar..

- Não me interessa o que vocês pensam, não vão mudar em nada o que eu tenho que fazer.

- Pena, professor, muita pena...

E partiram apressados. Ao pisarmos na varanda, meu pai estancou. Pediu que entrássemos, pois ele teria algo importante a fazer. Minha mãe tentou interrompê-lo, chamá-lo à razão, para não se exceder e não cometer nenhum ato impensado. Recordo-me da breve discussão entre eles, mas minha mãe acabou vencida.

Mais tarde, um espesso silêncio invadiu nossa casa, tomou todos os ambientes. Por trás da parede, ouvi meu pai contando à minha mãe que esteve

na madeireira de seu Moderado. Percebi o pavor que, aos poucos, a tomou pelo que ouvia. Meu pai narrou que adentrou o escritório do poderoso madeireiro e o enfrentou, cobrou-lhe explicações sobre os homens que lhe perseguiram. Ameaçou tornar público tudo que ocorria na vila, os desmandos que regia o lugar. Irritado, narrou que o empresário não se abalou com o que disse. Manteve seu sorriso de madeira no semblante, enquanto baforava um charuto. E, por fim, contou que acabou sendo posto para fora aos empurrões, pelos Mestres.

A notícia do enfrentamento se espalhou pelo lugar, serviu como encorajamento a todos. No dia seguinte, as crianças retornaram à escola, empolgadas a seguirem com as aulas. Sentindo-se recompensados, meus pais continuaram com suas funções, dia e noite. Lecionavam sobre a beleza e o lugar das letras no mundo. Compartilhavam injustiças e aprendizados. A escola deixou de ser uma edificação, espalhou-se em todos na vila. A escola passou a ser cada um.

Desperto assustada, com tia Excelência a me chacoalhar na cama.

- Vem logo, vem ver uma coisa!

Espreguiço-me, levanto-me e sigo atrás dela. Abro a porta que leva aos fundos da casa e fico estupefata ao me deparar com o quintal novamente repleto de nuvens.

- Como brotaram tantas, de forma tão rápida, de um dia pra outro?!

- Não sei...

- Minha filha, nuvem é uma praga!

Atravesso-as calmamente, consigo distingui-las umas das outras, percebo suas diferenças. Nuvens que nascem, e nuvens que já estão prontas a partir. Nuvens claras, outras carregadas. Encontro duas bem pequenas, nuvens-gêmeas. Com cuidado, insiro meu pé em uma e, depois, calço meu outro pé na segunda. Um vento frio começa a soprar em meus dedos. Desprende-se dos meus sapatos de nuvens e sobem circundando minhas pernas, contorna minha cintura. Aloja-se em meu peito. Fecho os olhos a desfrutar esse momento. Pela primeira vez, tenho a sensação de deixar o chão. Empresto-me dos pássaros seus gostos pelos voos. Percebo-me a gerar distâncias dentro de mim. Deixo-me ser levada para bem longe, atravesso montanhas e rios. Cruzo desertos e florestas, onde nunca estive. Avanço até um lugar em outro tempo, quando o passado e o futuro compartilham as mesmas horas. Abro os olhos, miro meus pés nublados e, num sobressalto, constato que estou desgarrada da terra, suspensa pelos meus sapatos de nuvens. Tia Excelência está com um sorriso partido no rosto, admirada por eu ter perdido meu chão:

- Minha filha, onde você está?

- Não está me vendo?

- Eu te vejo, mas quase não te enxergo.

- Estou aqui, tia, a cinco passos da senhora...

- Isso parece longe, minha filha. Existem afastamentos que não cabem em nenhuma medida...

O que ela disse me atravessou. Sou habitada por distâncias. Alguém pode se caber de tanto nada? De onde germina tudo isso? Um súbito pavor me invade, é o temor de me afastar do solo e nunca mais voltar a pisar o chão. Meu coração

dispara. Num impulso, me descalço e me agarro à terra. Fico a admirar os sapatos de nuvens ganhando cada vez mais altura, seguindo seus rumos até se dissolverem no céu.

Após o turno da noite, era comum meu pai ir buscá-la, acompanhá-la em seu caminho de volta para casa. O conflito recente com seu Moderado ainda reverberava em nossa casa. Apesar de confiantes de que nenhum mal poderia lhes acontecer, seguiam cautelosos.

- Eu vou buscar sua mãe e já volto.

E saiu. Lembro-me que fiquei a desenhar em meu quarto. As pontas dos lápis de cor não ajudavam, partiam a todo instante. Irritava-me. Os desenhos eram feitos com os poucos que, por sorte, não quebravam. Os matizes do que pinte em meu caderno não foram escolhidos por mim. Minha figura ideal não aconteceu, tornou-se aquela, limitada às cores marrom e cinza, que se fez por mim. Era a minha paisagem possível.

Minhas mãos começaram a suar, os lápis não me obedeciam, escorregavam entre os dedos. Senti a mesa em que me apoiava a ganhar quenturas, toquei-a e, rapidamente, repeli-a. O meu quarto foi invadido por inexplicável calor. Não fazia entendimento sobre o que acontecia. Abri a janela para tentar arrefecer o ambiente, quando vislumbrei, distante, pessoas a correr. Conferi as horas, estranhei meus pais ainda não terem chegado. Fui à varanda e vi meus vizinhos em debandada pelas ruas. Avistei do outro lado da vila, uma enorme coluna acesa de fumaça, estendendo-se até o céu. Saí em disparada, atravessei terreiros de outras casas para cortar caminho e, ao acessar a rua central, vislumbrei a escola.

- Quem a pintou de vermelho? Aquele lápis não tinha ponta... Quem pintou



a escola daquele jeito?!

A escuridão da noite ganhou faíscas e fuligens a lhe passear, emprestando brilhos à negritude dos olhos e ao meu espírito. Soturnos pirilampos velavam o lugar. Será que o que se acendia naquele instante, um dia, viria a se apagar? Calei, ensurdeci. Tudo que me acercava se apagou. Fiquei absorta a ver o meu Mundo sendo queimado. O mesmo Mundo que, gentilmente, repousava nas letras e no espírito.

Desabei no chão a contemplar o céu se acender na madrugada. Vi quando livros e cadernos começaram a esvoaçar pelos ares, deixando seus rastros acesos. Assisti às palavras se espalharem pelo céu, a formar frases ininteligíveis e plenas de sentidos. Incontáveis histórias se esparramaram levadas pelo vento, numa sublime escrita da vida. Ficaram a flunar sobre a cidade. Eram meu pai e minha mãe que haviam se tornado poesia. E que, logo em seguida, começaram a precipitar nas ruas, nas casas. Sobre todos nós. Misturaram-se ao oxigênio que nos alimenta. Inspiramos esse mesmo ar. Somos todos poesia? Era a beleza inventando olhos. Era o saber inventando aconchegos.

Tia Excelência avisa que precisa ir ao mercado.

- Estamos sem arroz e temos somente uma caneca de feijão. Vou lá, se não, nossas fomes nos devoram.

- Está bem.

- Vou num pé e volto no outro... Minha filha, você está bem?

- Estou.

- Desculpe te chamar assim, é o costume. Vou me consertar.

Minha mão parece arder por dentro. Sou levada maquinalmente ao meu quintal de nuvens. Uma delas se desprende e parte. Agacho para espiar outra bem de perto e saber o que traz dentro de si. Tudo está embaçado, pouca coisa pode ser discernida. Percebo três nuvens carregadas, parecem estar na iminência de ganharem o céu. O que elas querem? Já não basta tudo que aconteceu? A inesperada invasão me perturba. Por que vieram parar justo aqui? Quem as semeia?

Um cansaço me invade, parece roubar minha energia e vontades. Desabo sobre o chão. Meus olhos encontram uma nuvem bastante cheia, cinza e com pequenas luminosidades faiscando em seu interior. Está repleta de raios e trovões. Percebo seu movimento a se desprender. É o desejo de ir embora, de não pertencer a esse lugar. Há outros mundos a serem descobertos? Há outros saberes que valham a pena? Existe saber que nos devolva vidas? A nuvem se desconecta e inicia seu vagar. Um forte sopro me invade e, num ato impensado, mergulho em seu interior. Assustada, percebo-me envolta por relâmpagos, e uma sequência de cargas me atinge, faz meu corpo inteiro tremer. As centelhas me alfinetam num frio ardente. Encolho-me e abraço as minhas pernas, tentando me proteger da dor. Percebo a nuvem ganhando mais altura, levando-me com ela. Devagar, levitamos rumo ao céu. Conforme ascendemos, as dores dos raios e relâmpagos se amenizam. Cessam. Indolores, as faíscas seguem brilhando ao redor do meu corpo, ante meus olhos. Mantenho-me inerte em seu interior, evitando voltar a sentir os choques. Uma profunda paz me invade. Estou sendo gestada pela segunda vez. Quantas vezes a pessoa nasce?

Afasto-me cada vez mais do chão, vejo minha casa distante. O meu jardim de nuvens. Enxergo minha rua inteira, meus vizinhos em seus afazeres. A praça no centro de Santão do Remorso. Vislumbro tia Excelência em seu andar



coxo e, num sussurro, lhe peço:

- Sou sua única parenta, e você, a minha. Pegue a mim emprestada e me chame de filha.

Vejo-a estancar seu caminhar desalinhado, atraída por ignorado chamado. Volta-se para o céu, coloca a mão direita no rosto como um sobrolho para ver distante. E me distingue a habitar minha nuvem. Vejo em seus lábios um sorriso. Leio em seus lábios um perdão.

Sobrevoa a vila e fixo na escola, o que sobrou dela. O escombros se destaca na paisagem, feito uma terrível e necessária cicatriz. Daqui do alto, consigo ver tudo que acontece, consigo perceber tudo que ocorreu. E, com enorme clareza, um novo caminho se apresenta a mim. A escola não é um endereço, a escola são muitos lugares. Vislumbro o futuro e alcanço o passado. Daqui, distingo todas as distâncias que me cercam, que insistem em se reinventarem em mim. O tempo é a distância que mais dói.

Aos poucos, a vila fica para trás, segue a se apequenar. Em meu silêncio, sou despertada por uma conversa que já aconteceu, mas que ainda não terminou. Penso no saber que meu pai e minha mãe proferiram, na beleza de reinventar o mundo:

- Filha, tudo está inacabado, merece ser lapidado.

- Eu sei, pai.

- É preciso saber disso. Saber que cada pessoa é outro saber.

- Eu sei, mãe...

Como se despertasse de um torpor, revejo tudo de outra forma. A vila e suas ruas. A escola e a minha casa. O desejo de querer seguir em frente me impõe o peso de regressar. Preciso retomar o meu caminho, fatiar utopias. A nuvem volta a descer e repousa no chão. Saio do seu interior e sigo para dentro de casa. Sem olhar para trás, percebo que todas as nuvens se desprendem do chão. E, em perfeita sincronia, migram para o céu, para nunca mais voltarem a germinar. Sem me voltar para trás, despeço-me para sempre do meu quintal de nuvens.







**A literatura é viagem permanente para dentro de nós, e é nesse autoconhecer-se que podemos acordar e vislumbrar a vida com delicadeza e respeito por todas as criaturas.**

**Acesse mais sobre o projeto em [www.historiasdeacordar.com.br](http://www.historiasdeacordar.com.br)**

ISBN: 978-65-89201-04-5

**CDL**



9 786589 201045

